BOLETIM CMF Nº 70 JUNHO 2023 ISSN 1516-1781

SUMÁRIO

EDITORIAL

.....03

ARTIGOS

Descrição etnográfica: seguindo o Boi da Maioba em noite de São João - Albertina Cruz Pio.....05

Bumba Boi De São José De Ribamar - Ideangledy Costa Rocha.....10

Ritual da morte do Bumba meu boi de Santa Fé em 2022 - Rafaela Moreira Alves da Cunha.....16

Boi de Orquestra Mocidade Alegre De Alto Alegre Do Pindaré/MA - Eduardo Logan dos S. Costa.....23

Salve de tambor de crioula no terreiro Nossa Senhora Santana - Raniery Raiany Silva Flores.....28

O Tambor de Crioula Brinquedo de São Benedito - Maria Vitória Costa Miranda.....35

Ritual de Cura na Festa do Divino Espírito Santo no Bairro da Liberdade - Hanna B. S. Costa.....39

Divino Espírito Santo na pandemia – Gerson Lindoso.....48

O cenário do Reggae em São Luís do Maranhão - um convite para dançar as melhores pedras - Maria Cecília Santos.....56

JANELA DO TEMPO

Festival do coco d'água de Paço do Lumiar - Jhonny Herickson Pereira Santos.....65

RESUMOS E RESENHAS

Livro.....70

TCCs.....70

NOTÍCIAS

Atividades CMF 72

PERFIL DE CULTURA POPULAR

Mestre Sabujá – uma vida dedicada às manifestações da cultura popular do Estado do Maranhão - João Victor Campelo.....73

COMISSÃO MARANHENSE DE FOLCLORE - CMF

BOLETIM – Edição Número 70

EDITORAS

Carolina Martins – CMF

Marilande Martins Abreu - CMF

Reinilda Oliveira – CMF

CONSELHO EDITORIAL
Carolina Martins
Mundicarmo M.Rocha Ferretti
Mundinha Araújo
Marilande Martins Abreu
Nathanna Cristina P. Silva (membro externo – GP Mina/UFMA)
Reinilda Oliveira
Roza Santos
Valéria Santos (membro externo – GP Mina/UFMA)
Versão INTERNET: www.cmfolclore.ufma.br

CORRESPONDÊNCIA
COMISSÃO MARANHENSE DE FOLCLORE -CMF
CASA DE NHOZINHO
Rua Portugal, 185 – Praia Grande
CEP 65010-480 – São Luís-MA
Fone: (098) Telefone: (98) 3272 – 8127 (GP MINA/UFMA)
E-mail: gpmina.desoc@ufma.br

INFORMAÇÕES TÉCNICAS
Boletim (Publicação CMF/MA)
Edição Número 70/ junho 2023
ISBN: ISSN 1516-1781
Parceria: CMF/MA-UFMA-Casa de Nhozinho
São Luís/MA/BR

As opiniões publicadas em artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores, não comprometendo a CMF.

EDITORIAL

Após inúmeras perdas, e uma pandemia mundial em 2020, que se não mudou a realidade contemporânea, deixou rastros impossíveis de serem apagados, a Comissão Maranhense de Folclore – CMF, fundada em maio de 1948, retoma a publicação do Boletim, um periódico produzido desde agosto de 1993 através da parceria CMF, UFMA e Casa de Nhozinho.

Desde seu surgimento, o Boletim buscar descolonizar os saberes e suas hierarquizações, é um periódico que constrói lugar de fala para fazedores, mestres e líderes que escrevem sobre o tema desde sua primeira edição, quando a lógica de hierarquização dos conhecimentos colocava esses saberes tradicionais como inferiores às teorias científicas e seus pressupostos metodológicos. O Boletim é uma publicação que aceita textos, artigos de discentes das universidades maranhenses que transformam manifestações sociais em sujeitos de pesquisa e investigação, na graduação e pós-graduação. Mas, também contempla e tem espaços, em todos os seus números (01 a 69 - https://www.cmfolclore.ufma.br), para a escrita e os saberes descritos pelos próprios sujeitos que vivenciam suas experiências – místicas, rituais, políticas, profanas e sagradas - nesse campo simbólico e imaginário, coletivo e individual, das comunidades tradicionais afro-ameríndias no Maranhão e no Brasil.

Ao longo desses trinta anos, o Boletim publicou interessantes e originais relatos, descrições e análises sobre o universo simbólico da chamada cultura popular e seus vínculos com as práticas de matriz afro-ameríndias. Textos acadêmicos se misturam aos textos de fazedores, bem como tem espaço para as descrições de trajetórias de lideranças e sujeitos, femininos e masculinos, que mantêm e transmitem essas manifestações. As descrições e reflexões sobre bumba boi, tambor de crioula, análises de políticas culturais para as manifestações da chamada cultura popular, bem como descrições de terreiros de mina, umbanda, cura/pajelança, candomblé, ou ainda, os temas do patrimônio material e imaterial, turismo e cultura, arte e museus digitais, compõem os conteúdos dos números anteriores do Boletim, a partir de diferentes pontos de vista, saberes, trajetórias e experiências.

Mantendo, assim, a característica de publicar material não somente advindo de pesquisas produzidas a partir do discurso da universidade, mas, dialogando com os diversos segmentos da sociedade civil que fazem, produzem ou se interessam pelos temas abordados, o Número 70, que marca o momento da retomada, manteve a estrutura anterior do Boletim, bem como traz inovações.

A intenção é manter essa publicação como um espaço amplo e plural de produção dos conhecimentos tradicionais, bem como ampliar as imagens dos temas tratados a cada semestre. Esta edição, assim, inicia com a seção *Janela do tempo*, que aborda uma manifestação, e/ou trajetória de uma/um fazedora/fazedor de cultura, artista, pesquisador/a, a partir do passado e da oralidade. Segue essa seção, os Artigos/Textos, que nesta edição abordam bumba-boi, tambor de crioula, reggae, bem como conta com uma descrição sobre a feira do bairro do São Francisco em São Luís/MA. Essa seção é seguida por *Notícias*, na qual são divulgados colóquios, premiações, festas rituais, homenagens, seminários, etc. Em seguida, a seção *Resumos*, é composta por resumos de trabalhos acadêmicos de TCCs, teses e dissertações defendidas, bem como resenhas de livros, capítulos, sobre o campo simbólico das manifestações da cultura popular e religiosidades afro-ameríndias e questões étnicos-raciais.

E, para encerrar a Edição 70, a seção *Perfil da Cultura Popular*, faz homenagem ao saudoso mestre Sabujá, que faleceu em maio de 2021, fazedor de cultura, abatazeiro do Terreiro do Justino, membro do bloco Fuzileiros da Fuzarca, realizador da Festa Coco Pirinã, no Bairro do Anjo da Guarda, em São Luís/MA.

É com alegria, assim, que anunciamos o retorno do Boletim como publicação semestral!!!

Editoras Boletim – CMF
Carolina Martins – CMF
Marilande Martins Abreu - CMF
Reinilda Oliveira – CMF

ARTIGOS

Descrição etnográfica: seguindo o Boi da Maioba em noite de São João

Albertina Cruz Pio[1]

Relato e observação de uma noite acompanhando um dos maiores grupos de Bumba meu boi do Maranhão, precisamente da capital, São Luís, do sotaque de matraca, mas conhecido como sotaque da ilha, o Bumba meu Boi da Maioba.

Os bois de matraca têm uma tradição de levar a sua comunidade e apaixonados para acompanhar a brincadeira, e como teve uma parada de dois anos, por conta de uma pandemia, sem festa, sem arrecadar fundos e numa grave crise econômica no país, e como a cultura é sempre posta de lado pelo poder público, tive a preocupação de saber se o sistema de buscar os brincantes em pontos específicos se mantinha. O dia escolhido para fazer esta observação foi o da véspera de São Pedro, pois é o ponto alto das festas juninas.

No dia escolhido, passei metade dele em busca dessa informação e não consegui, tomei a iniciativa de acessar o número que estava na rede social da agremiação cujo nome dizia "contratação". Porém, meu receio era não ser atendida, pois o número indicava que lá era para tratar da contratação da brincadeira e não de saber sobre condução gratuita, mas resolvi encarar, pois já era cinco e meia da tarde, e eu precisava agilizar pois a primeira apresentação do boi era as vinte e duas horas. Quando abri o link redirecionou para o whatsapp do presidente do boi, Zé Inaldo, então pensei: "ele nem vai me responder". Mas para minha surpresa, antes de dez minutos ele me respondeu, muito amável, dizendo que sim, estavam com o mesmo sistema de antes, mas que não sabia me dizer os horários e a rota dos ônibus pois era outra pessoa que tratava disso, mas me deu o número e o nome do senhor Paulo, que me retornou explicando a rota e o horário.

O próximo passo foi me preparar para esta noitada, me arrumei e peguei um ônibus até o local, cheguei lá falei com o dono da casa que me disse que estavam esperando e que já tinha pessoas esperando dentro da casa e me convidou para entrar, mas preferi ficar na rua, pois queria tirar foto das pessoas chegando. Contudo, perdi a maioria das fotos que tirei nessa noite.

Primeiramente chegou um casal, o homem portando um pandeiro e a mulher sua matraca, começaram a conversar comigo, logo foi chegando gente, uma moça que chegou sozinha, vinha do bairro Miritiua, com medo do ônibus já ter passado, ficou aliviada quando nos viu, do mesmo modo uma senhora já idosa, com sua bolsinha

[1] Graduanda do curso de Ciências Sociais UFMA.

no ombro, nos contou que tinha acabado de chegar do trabalho, e veio correndo com medo também de perder o ônibus, a preocupação dos que acompanham o boi é perder o ônibus de sua rota.

O ônibus chegou por volta das vinte e uma horas, já com pessoas dentro, entramos e todo mundo se acomodou, o motorista perguntou se já tinha vindo todo mundo, e saímos fazendo a rota e pegando as pessoas. Fomos pela Cohab, pois tinha pessoas em frente ao supermercado Mateus esperando, e de lá para a primeira apresentação no arraial "Pertinho de Você", na Cohama, lá uma banda tocava pra pouquíssimas pessoas, pois acredito que por ser véspera de São Pedro, as pessoas estavam descendo pra capela de São Pedro no Anel Viário, mas notei que este problema logo foi resolvido pois os maiobeiros começaram a entrar no arraial, que de vazio ficou lotado.

Essa foi a primeira impressão que eu tive e que se confirmou no restante da noite, a Maioba não precisa de público lhe esperando, ela leva o público dela. Também percebi que a conversa do grupo ao qual eu estava, girava em torno de suas experiências de anos acompanhando o boi, eles sabiam de tudo, das datas, das localidades que se apresentavam, que inclusive não variam muito, principalmente os locais depois da meio noite, que são os mesmos todos os anos: pessoas abastadas que pagam promessa, contratam o boi para dançar na porta da sua casa ou sítio, o que é sagrado, e este é o assunto das rodas de pessoas com suas camisas personalizadas com as cores do boi – amarelas, azuis e vermelhas. A banda, que estava tocando para um arraial vazio, é aplaudida agora pela multidão quando encerra sua apresentação.

Logo o show irá começar, o amo do boi "cantador" caminha em direção a arena na qual o boi vai se apresentar e começa a posicionar a sua orquestra, pandeireiros, tambor- onça, matraqueiros , índias, caboclos de pena e fita aos seus lugares. Tudo isso leva uns dez minutos, quando ele solta a voz, e quando sacode o maracá o estrondo dos pandeiros, matracas e tambores-onça dão o tom e ritmo a festança, cada maiobeiro que está ali é um músico dessa imensa orquestra de percussão. Assim, o boi baila feliz, os caboclos de penas saltam e sacodem suas penas num balé lindíssimo, e me pego pensando em como as pessoas do boi conseguem fazer som com dois pedaços de madeira, e que junto com um pandeiro de pele fazem um som maravilhoso e emocionante.

Terminou a apresentação e agora é a busca pelo ônibus, a avenida em frente ao Mateus da Cohama está com um engarrafamento imenso, atravessamos e eu tenho uma segunda surpresa da noite, dez ônibus perfilados, vários micro-ônibus e vans, e incontáveis carros pequenos, de todos os tipos, dos mais chiques ao mais popular, é a nação maiobeira acompanhando sua paixão, o boi, mas agora é hora de procurar seu ônibus,

pois seguiremos em direção a residência de dona Benedita no bairro Cohaserma, bem próximo da Cohama, mas gastamos meia hora pra chegar por conta do engarrafamento ocasionado pelo cortejo do boi.

Ao chegarmos, os ônibus resolveram estacionar na avenida, antes da rua da apresentação pois os carros pequenos já tinham ocupado as ruas, assim meu grupo começa a descer a rua, como uma procissão, de tanta gente passando, todos com o mesmo propósito: levar alegria a um bairro que está em sua maioria com as casas fechadas e com muros altíssimos e cercas elétricas. Porém, avisto no segundo piso de uma casa algumas pessoas olhando para nós, digo a uma moça do meu grupo, “aquela família fica só nos olhando de longe”, no qual ela responde: “estão tudo com medo da gente”, então nós começamos a rir. Dessa forma continua a romaria, nem conseguimos chegar na porta da tal Benedita, o trio da Maioba já estava posicionado e a festa começou outra vez. Foi lindo, a rua era uma ladeira e nós que ficamos na parte de cima via a multidão de matracas e pandeirões numa cadência alucinante que não tinha quem ficasse parado. Essa apresentação foi até uma hora da manhã, já estávamos atrasados para o arraial Mangueirão no João Paulo, de novo a busca pelo ônibus, na correria, mas não fica ninguém para trás, e dentro dos ônibus o show não para: um puxa uma toada e pronto, pandeiro, tambor-onça e matraca começam a entoar e é festa o trajeto todo.

Foto 1. Imagem de dentro do ônibus disponibilizado pela Maioba.

Chegamos no João Paulo já atrasados meia hora, mas tinha um boi se apresentando e tivemos que esperar, mais uma característica dos bois: eles nunca cumprem horário, faz parte da trupiada. Além disso, a diferença social é grande, de um bairro de classe média, para um bairro de periferia, todo mundo na rua, bebendo cerveja, fazendo churrasco, esperando a Maioba e dançando contente pois vão vê-la. Neste arraial aconteceu uma coisa engraçada comigo, fiquei perto do boi, foi quando os caboclos de penas pulavam e só faltavam nos derrubar, eu com meus óculos na cabeça, e os caboclos de fita começaram a dançar, e passar bem perto da gente, sacudindo

suas fitas, resolvo pegar meu celular para tirar foto, levo minha mão à cabeça, “cadê os óculos?”, passo a mão na camisa e nada. Olho pro chão desesperada imaginando-o todo quebrado, escuto longe o cantador anunciar, “veio pendurado um óculos de grau no caboclo de fita, pode vim buscar aqui”, falei com um deles e ele segurou minha mão, e foi abrindo espaço entre os pandeirões até o cantador que me entregou o meu óculos. Fora isso, foi uma apresentação perfeita e linda. Próxima parada: Casa das Minas. Todo ano pelo que percebi eles fazem essa apresentação sempre no mesmo horário, às três da manhã, só que chegamos lá já era quatro horas e ainda tinha três bois na frente, nossos ônibus ficaram na Cajazeiras, então na entrada da rua o boi começou a tocar, e fomos descendo até um ponto que não dava mais para o trio entrar, então foi decidido tocar ali mesmo e a festa foi até pouco mais das cinco horas. Descemos para a Liberdade sempre no mesmo ritmo dentro dos ônibus, o som não parava e quando parava era para enaltecer o boi, que a Maioba passa por cima, que tem que respeitar o batalhão, que é pesado, demonstrando que são muito orgulhosos do seu amado boi.

Chegamos já amanhecendo o dia acordando a Liberdade, nas ruas estreitas os ônibus foram nos deixando para procurar lugar estratégico para a hora de ir embora, e nós descemos enquanto os carros pequenos passavam ao lado da gente devagarzinho e, com o som altíssimo com toadas da Maioba, nesse ritmo chegamos ao arraial, com pouca gente também, mas como já disse a Maioba não se preocupa com isso, pois ela leva seu público.

O apresentador do arraial começa a saudar a Maioba, enaltecer, dizer que há cinco anos a Maioba não se apresentava lá, mas que hoje isso ficaria no passado, e o show recomeça. A Maioba afiadíssima numa cadência perfeita, essa multidão que o acompanha não cansa, e assim fomos até perto das oito horas e partimos com destino ao Cohatrac, na expressão do maiobeiro. O sentimento era de que deram um show, o ônibus todo é uma cantoria sem fim, muita emoção, e são muito egocêntricos repetindo que passam por cima mesmo, e que ninguém segura a Maioba, é lindo de ver.

Foto 2. *Caboclo de Pena* do boi da Maioba

Última parada bairro do Cohatrac, sem descanso entramos no arraial Spazio, e só o tempo de tomar uma água para o show começar. Relembro a noite que passei e vejo o quanto é engraçado os homens da Maioba que chegam puxando pela mão a companheira, e na outra o pandeirão, que porta uma toalhinha de mão dobrada pra segurar no alto da cabeça com uma só mão e com a outra bater. Vejo o tocador do tambor onça também com sua toalhinha socando o tambor, vejo o matraqueiro, esse parece que entra em transe com sua matraca, tanto o homem quanto a mulher parecem entrar em transe quando estão batendo suas matracas, parecem que estão entoando uma oração, um amor incondicional, emocionante, ninguém parece cansado, nem índias, nem caboclos de penas e fitas, a impressão que tenho é que se durasse o dia todo, todos continuariam, pois, até eu estaria junto. Mas o cantador começa a cantar suas toadas de encerramento às dez horas e meia do dia, e começa a fazer os agradecimentos a todos por estar ali até aquele momento, e começa a nós direcionar onde estão os ônibus para nos levar de volta para as nossas casas em segurança e que de noite começa tudo de novo.

Já no ônibus, com meu grupo, o motorista começa a fazer a rota e nos deixar, fui deixada na entrada da rua da minha casa, quando vou descendo o motorista fala para mim: “essa noite é mais cedo, às oito horas estou passando”. Eu disse, “tudo bem”, desci e as senhoras de dentro do ônibus me dizendo até mais tarde; e eu “tá tudo bem, até mais tarde”. Foi uma noite inesquecível, sem brigas, discussões, todo mundo se dá com todo mundo, se ajuda, divide as coisas, ou seja, é uma família, a verdadeira trupiada maiobeira, como os cantadores dizem: é a maior orquestra de percussão do mundo.

Aquele que na avenida do João Paulo faz a terra tremer.

O Bumba meu Boi da Maioba.

Foto 3. Participantes do boi da Maioba.

BUMBA BOI DE SÃO JOSÉ DE RIBAMAR

Ideangledy Costa Rocha[2]

O festejo do Bumba boi Pai da Malhada de São José de Ribamar acontece na Rua São João, que por coincidência é na mesma rua que eu resido. Como não fica muito distante da minha residência, fui andando para o evento. Saí de casa por volta das 19:40 e cheguei no local às 19:47, pude notar na chegada o tumulto de diversas pessoas transitando de um lado para outro no espaço pequeno que é a rua estreita de São João. Depois de esperar uns minutos, finalmente começa a demonstração de algo que os participantes ensaiaram muito para fazer lindamente e sem erros.

Observei também um fato interessante, que quando os cantadores começam a brincadeiras, as índias começam a dançar, pessoas da comunidade que vão para olhar essa manifestação cultural, podem livremente andar, dançar juntos com os brincantes e portam matracas nas suas mãos (instrumento feito de madeira que é o principal no pai da malhada, já que ele é um boi de matraca) além disso, usam chapéus feitos de palhas de coqueiro de variáveis cores e muito brilho e miçangas, logo nota-se muita diversão envolvida.

Conhecido como o "Pai da malhada", o Bumba boi de São José de Ribamar é festejado todos os anos na cidade pelos amantes desta cultura. É comemorado em três locais diferentes da cidade, sendo o primeiro na sua sede, onde começa as primeiras noites de brincadeira, o segundo no centro de cultura de São José, e a terceira localidade onde acontece o batizado do boi é na rua São João.

[2] Estudante do curso de Ciências Sociais/UFMA.

Especificamente falando do batizado do boi, feito na rua São João, é uma das principais noites de festejo. Às cinco horas da manhã passa um carro de som chamando a população local para também participar do evento, no qual dura até às oito horas da manhã do mesmo dia. O carro de som diz “venham, venham ribamarenses prestigiar o batizado do boi pai da malhada de São José de Ribamar, acordem, acordem. O pai da malhada é composto por diversos brincantes, como: as índias que dançam com movimentos iguais, os cantadores das toadas que cantam as músicas para que as índias e caboclos de pena e de fita dancem, os matraqueiros que batem as matracas umas nas outras para ecoar o som, e os pandeireiros que batem nos pandeiros e tambores.

O local sempre é bastante organizado, composto por diversas cores de bandeirinhas presas em mastros (tronco de árvores) e também amarradas nas casas dos moradores da rua São João. Já nas vestimentas

há bastante brilho nas roupas dos brincantes e principalmente do boi, as cores sempre são iguais todos os anos para seguir a tradição, são elas: verde, vermelho, azul, branco e amarelo. Além disso, é importante destacar o modo como esse evento ocorre, primeiramente os brincantes são trazidos por ônibus, então chegam todos ao mesmo tempo, demora um pouco para começar a apresentação por conta do processo de organização e preparação das índias.

Ao começar, observa-se o tom da cantoria, o som de vários instrumentos, como: o pandeiro, chocalho, matracas e outros mais, também se nota a maneira como as índias dançam as músicas, com passos e movimentos ensaiados durante o ano todo para a grande apresentação, com roupas coloridas, o movimento e performances também do boi, que dança e anda livremente em meios das índias e cantadores. O pai da malhada é apreciado por muitas pessoas da cidade e fora dela, o festejo sempre está lotado, dificultando até a locomoção para sair e entrar, ou para se aproximar da apresentação, tendo 4 apresentações no total e diversos ensaios que também são abertos ao público, em sua grande maioria formado pelos próprios moradores de São José de Ribamar e municípios vizinhos, como Raposa e Paço do Lumiar.

Somente no dia do batizado do pai da malhada que a população é convidada a participar por meio do carro de som, mencionado anteriormente. Nos demais dias, isso não acontece, mas como a população comemora e aprecia muito a cultura popular do boi, sempre estão informadas sobre o dia do evento,

localidade, horário, duração dele e costuma levar consigo um instrumento para festejar o evento, que é a famosa matraca, instrumento em formato retangular, feito de madeira.

1. Como ocorre o batizado do boi "Pai da malhada"?

Primeiramente, há a presença de um padre católico para o tal feito, o padre tem como função principal rezar e abençoar o boi, depois disso, ele joga pingos de água como um ritual para purificar, proteger e abençoar o boi para as apresentações que irão ocorrer. Além do padre, obviamente há também a presença de políticos nesse evento, como o prefeito e vice-prefeito de São José Ribamar, e também os principais envolvidos para que aconteça a apresentação do pai da malhada como segurança, como a guarda municipal, bombeiros e os mais importantes que são os organizadores da brincadeira e o público que vai apreciar o show.

Com a pandemia de covid-19, infelizmente o festejo não pôde acontecer com a participação da população e comunidade local, uma vez que com o distanciamento social e as medidas preventivas para a não disseminação do vírus na cidade, não houve apresentação do boi "pai da malhada" como de costume, somente o batizado que foi feito de forma segura e transmitido via internet para os cidadãos assistirem em casa, o batizado em forma de live teve apenas a presença do prefeito e vice-prefeito, o padre, os cantores, poucas índias e o principal, o boi.

Depois do fato mencionado anteriormente, os brincantes começam a sua apresentação, os cantores primeiramente começam a cantarolar a música, os instrumentos começam a zoar e depois de alguns minutos, finalmente as índias e os caboclos de pena e fita, que recebem esse nome por usarem na apresentação chapéus com fitas longas e outros com chapéus enormes cobertos de penas, começam a se movimentar pra lá e pra cá, com movimentos curtos e breves.

Já as índias dançam com mais leveza e movimentos, giram de um lado para outro, segurando uma espécie de bastão nas mãos e outras índias portavam flechas que uma vez ou outra apontam e fazem postura de como fossem atirá-las. Já os bastões das índias movimentam pelo corpo todo, com roupas curtas e coloridas, nas pernas usam muitas penas, assim como na cabeça, penas da cor verde e laranja, já os caboclos usam somente uma cor para cada brincante, um usa a cor amarela, outro a laranja, outro azul, outro branco e outro uma cor verde bem clara, as pessoas responsáveis pelos instrumentos usam também roupas coloridas com verde e branco e chapéus com muitas miçangas brilhantes e de cores variadas, eles tocam e cantam as músicas para animar a manifestação cultural do pai da malhada.

O boi é o mais brilhante deles, coberto por um tecido branco e com muitas fitas coloridas, há também a presença do “pai Francisco e a mãe Catirina” que representam todo o começo da histórica folclórica do Bumba boi de Ribamar, suas vestimentas são quadriculadas nas cores branco e laranjas alternadas, “mãe Catirina” usa uma espécie de abano para se ventilar e também faz movimentos pelo corpo durante a apresentação e o “pai Francisco” usa uma ferramenta chamada de facão para representar o instrumento que matou o boi mas que depois de convocar, pai de santo e os espíritos, finalmente o boi ressuscita milagrosamente. Dando continuidade e finalização da apresentação do boi Pai da malhada com mais músicas, danças e barulhos dos instrumentos já mencionados anteriormente e por fim, os agradecimentos ao público que foi prestigiar o festejo por parte do narrador e cantador das músicas do boi pai da malhada.

RELATO ETNOGRÁFICO: Ritual da morte do Bumba meu boi de Santa Fé em 2022

Rafaela Moreira Alves da Cunha[3]

RESUMO:

Esse texto relata o ritual da morte do boi de Santa Fé, de São Luís/MA, através da exposição dos acontecimentos observados em campo. Busca descrever todas as situações presenciadas no cortejo e no ritual da morte do boi.

INTRODUÇÃO

O Bumba meu boi de Santa Fé é de sotaque da baixada e se destaca por seus cazumbás gigantes e iluminados por luzes de LED, sua sede fica localizada na Segunda Travessa Jardim Ramos, 05, Bairro de Fátima -MA, São Luís/MA, local onde ocorreu o ritual.

A morte do boi é a última etapa do ciclo festivo, que começa com os ensaios, depois ocorre o batismo, e assim o boi começa as apresentações juninas nos arraiais. Quando acaba o período das apresentações juninas a última etapa acontece com o ritual da morte do boi.

Sobre o interesse no tema pesquisado: A beleza e a peculiaridade dos cazumbás me encanta desde a infância, personagem colorido, divertido e ao mesmo tempo assustador e peculiar. Esse é um dos motivos que acompanho e admiro o Boi de Santa Fé há alguns anos, mesmo acompanhando e já tendo assistido as apresentações inúmeras vezes, nunca tinha observado o ritual da morte do boi e até mesmo desconhecia a existência desse evento. Tomei conhecimento do evento e do ritual da morte por meio das redes sociais e logo me despertou interesse e grande curiosidade.

1 . O CORTEJO

A programação começou a tarde com apresentações do Tambor de Crioula e Bumba meu boi da Fé em Deus, no entanto essas apresentações não foram observadas e não serão descritas, uma vez que o foco é no ritual da morte e no cortejo que o precede.

Saí de casa com roupas confortáveis pois já imaginava que o percurso do cortejo seria longo. Cheguei no Bairro de Fátima e mesmo já conhecendo o bairro há anos não sabia onde ficava localizada a sede do boi, mas minutos depois de chegar no bairro já pude ver uma grande movimentação de pessoas e escutar o som das toadas vindo de um carro de som. O boi já tinha saído da sede e o cortejo havia começado há

[3] Estudante Ciências Sociais/UFMA.

poucos minutos, meu companheiro que estava comigo logo estacionou para que pudéssemos acompanhar o cortejo a pé.

Ao me aproximar comecei a observar. No final do cortejo estava o carro de som, logo à sua frente estavam os cantadores e tocadores com seus pandeirões e outros instrumentos que faziam o som das toadas, um carrinho com uma espécie de fogueira dentro era puxado por um homem logo a frente. Todo o grupo estava em uma espécie de "fila", seguido do carro e dos cantadores estavam os índios, logo na sua frente estavam as índias e bem na frente "puxando " o cortejo estavam os cazumbás.

Além dos brincantes, dezenas de pessoas acompanhavam o trajeto, dançando, cantando e bebendo – o álcool estava fortemente presente – juntamente com os brincantes do boi. Era notório a reação causada nas ruas do bairro onde o cortejo passou, pessoas saiam nas suas portas para observar, dançar, cantar junto e fotografar.

Depois de um bom tempo de caminhada perguntei para um senhor que estava com vestimenta de cazumba, mas sem a máscara, se estávamos perto da sede e fui surpreendida com tamanha receptividade e gentileza. O senhor disse que ainda estava longe e logo em seguida me apresentou uma senhora, dizendo que era ela quem bordava as roupas dos brincantes. Essa senhora brevemente se apresentou para mim e num tom de muito orgulho reforçou que era ela quem bordava as roupas, elogiei seu trabalho e a conversa se encerrou, pois todos continuávamos andando e seguindo o cortejo.

Depois de um longo trajeto consegui avistar a sede, logo identifiquei pela iluminação e pelas pessoas que aguardavam a chegada do boi. Antes de chegar na sede o grupo parou em frente a uma casa que estava com a garagem aberta, dentro dessa garagem estava um boi enfeitado com balões na cabeça e algumas folhas de uma planta que não consegui identificar, na sua frente estavam duas caixas de vinho. Em seguida, o miolo do boi (homem que carrega e faz o boi dançar) "entrou" no boi e saiu da garagem acompanhado pelos personagens pai Francisco e mãe Catirina. Assim o boi foi levado para a sede juntamente com todos os brincantes.

Foto: acervo pessoal Rafaela Moreira

2 . O RITUAL DA MORTE DO BOI

Chegando na sede do boi – também conhecido como barracão – era possível observar várias pessoas aguardando a chegada do boi. Bem em frente à sede tinha um moirão/mourão, espécie de árvore toda envolvida por tecido de TNT nas cores amarelo, verde e vermelho, nessa árvore estavam vários bombons e balões pendurados.

Logo o boi chegou junto com os brincantes, e assim começou a "brincadeira" bem ao lado da árvore decorada. Índias, cazumbas, vaqueiros, pai Francisco e mãe Catirina dançavam. Toda a brincadeira gira em torno do boi ser laçado e morto. Assim, pai Francisco tentava laçar o boi e ele fugia, até que enfim o boi conseguiu ser laçado e levado para debaixo do moirão/mourão, onde havia uma bacia, garrafas de vinho, velas e uma imagem de um santo que acredito ser São João. Com um facão de mentira, o pai Francisco simulava cortar o pescoço do boi para matá-lo. Logo depois aparece um outro boi e o mesmo processo se repete só que dessa vez de maneira mais breve, esse boi também foge para não ser laçado mas por fim é capturado e também morto pelo pai Francisco. Depois esses bois são levados para dentro da sede e então o vinho (que simula o sangue do boi) que estava debaixo da árvore é derramado nas bacias e distribuído para os brincantes e para quem está assistindo o ritual.

Foto: acervo pessoal Rafaela Moreira

Durante todo esse processo do ritual da morte do boi o que mais me chamou atenção foram as toadas que eram cantadas pelos cantadores que narravam tudo que estava acontecendo, desde a tentativa de laçar o boi até a distribuição do vinho.

Depois da morte do boi e do vinho distribuído a brincadeira terminou e um homem com o auxílio de uma escada subiu no moirão/mourão e começou a cortar os galhos coloridos e cheios de bombons. Enquanto esse homem corta os galhos, alguns brincantes seguram um grande pano embaixo para "apanhar" os galhos que estão sendo cortados, assim que o pano ficava cheio de galhos essas pessoas o carregavam e levavam para dentro do barracão e outras pessoas com um outro pano repetiam a mesma coisa, até todos os galhos serem cortados. Foram por volta de 3 panos cheios de galhos que foram levados para dentro do barracão. Dentro da sede tinha um grande altar com vários santos e na frente desse altar já estavam posicionados os bois que participaram do ritual da morte, por fim os galhos dessa árvore são deixados em frente ao altar.

Foto: acervo pessoal Rafaela Moreira

Durante a observação tive várias dúvidas e questionamentos, entre eles: Qual o significado da árvore decorada e cheia de bombons? Os galhos com os bombons deixados em frente ao altar são uma forma de oferta a esses santos? Por que o boi que participou do ritual estava nessa casa? Infelizmente não trago as respostas dessas perguntas, mas achei importante trazê-las a esse relato.

Foto: acervo pessoal Rafaela Moreira

3. A VOLTA PRA CASA Deixei o local após o término do ritual da morte, e várias pessoas ainda estavam lá bebendo, dançando e em clima de festa, acredito que as celebrações tenham se estendido até a madrugada, mas não posso afirmar pois minha observação se encerrou ao término do ritual da morte. Por fim, na volta pra casa, andando pelas ruas do bairro de Fátima pude perceber como o bairro estava agitado e em clima de festa várias pessoas na porta de suas casas bebendo, conversando e festejando.

Foto: acervo pessoal Rafaela Moreira

Foto: acervo pessoal Rafaela Moreira

BOI DE ORQUESTRA MOCIDADE ALEGRE DA CIDADE DO VALE DO PINDARÉ: DE ALTO ALEGRE DO PINDARÉ.

Eduardo Logan dos Santos Costa[4]

Introdução:

O famoso arraial do município de Alto Alegre do Pindaré, reúne durante nove noites, altoalegreenses, que após um período de preparo com ensaios, confecções de roupa, seleção de músicas, entre outros componentes, se encontram na praça de eventos da cidade conhecida como Praça do Mercado para assistir as apresentações no arraial do município, que chegam à cidade com objetivos diversos, seja para obtenção de renda através da venda de insumos com comidas típicas, apresentar alguma dança típica do período junino, e até mesmo para prestigiar as apresentações culturais que são ofertadas na praça, dentre estas apresentações temos o Bumba meu boi Mocidade Alegre, uma variação do boi de orquestra.

O Boi de Orquestra Mocidade Alegre e sua contribuição para a cultura da cidade de Alto Alegre do Pindaré- MA.

A origem do Bumba meu boi está associada a uma série de lendas e estórias que juntam elementos da Europa bem como a África e os povos nativos da extensão territorial que se conhece hoje como Brasil.

Em suma narrativa, encontramos a lenda de Catirina e Pai Francisco, um casal de escravizados, onde Catirina gestante, sente o desejo de comer a língua do boi do seu patrão, Pai Francisco então retira a língua do boi e entrega a sua esposa para que esta possa comer e saciar seu desejo, porém, este é o animal favorito do dono da fazenda, que após descobrir inicia a caça ao casal de escravizados, que se refugiam numa aldeia para conseguir o milagre de ressuscitar o boi, que é felizmente ressuscitado, iniciando assim um ritual de dança para comemorar-se o renascimento do bovino, reunindo os vaqueiros e indígenas da região.

Com estes elementos, então temos os componentes da dança ritualística do Bumba meu Boi, elemento cultural difundido em diferentes regiões, tendo uma forte ligação com a região Norte e Nordeste.

Em Alto Alegre do Pindaré, cidade da mesorregião do Pindaré temos uma destas manifestações culturais, que se apresenta nos arraiais da cidade, dos povoados e das regiões próximas, trazendo elementos da cultura local tal como a exaltação da cidade através dos adereços presente nas vestes dos brincantes do bumba-boi e músicas que exaltam a região, reunindo símbolos marcantes da cultura da cidade, tal como o afluente do rio Pindaré, que passa pela cidade, e é um atrativo para os turistas, que nestes períodos festivos e em outros como a Independência do Brasil, reúne pessoas de diferentes cidades maranhenses.

[4] Estudante do curso de graduação em Ciências Sociais da UFMA

Para a confecção de vestes e dos adereços presentes nos brincantes de boi, encontra-se ainda a utilização de miçangas e o reaproveitamento de materiais, sendo totalmente artesanal esta confecção, que é feita pelos próprios brincantes, que passam a costurar, colocar penas nas roupas, confeccionar os colares de miçangas, entre outras necessidades recorrentes até a apresentação nos arraiais.

O presidente do boi e apoiador da cultura da cidade, Edivaldo Silva, tem um trabalho árduo de reunir, em especial os jovens para compor a dança, sendo em sua grande maioria brincantes que já dançaram em anos anteriores em outros grupos de bumba meu boi, já extintos na cidade. Ele relata que é uma experiência única estar presente na realização de um trabalho que enaltece a cultura popular, relata ainda que o boi não é produzido e preparado em pouco tempo e sim com no mínimo sete meses de preparação, com a *"chamada dos brincantes"* preparação das músicas e a realização de arrecadação de fundos.

Ainda no dia vinte e oito (28) de junho de 2022, tivemos o batismo do boi, onde estiveram presentes neste momento celebrativo o pároco da cidade Padre Olivan Reis Lima, que fez o ritual de benção, estando presentes os padrinhos do boi, o secretário de Obras do município conhecido popularmente como R Silva, e a secretária de saúde Maria Dayane Marques, momento marcado pela devoção com rezas e orações populares do catolicismo, religião que é predominante na cidade, cujo padroeiro (popularmente é tido como o santo protetor da cidade) é São Francisco de Assis, que é uma das temáticas apresentadas nas músicas do boi, e está presente na caracterização do miolo do boi, que possui confeccionado em materiais recicláveis, o padroeiro da cidade em um dos lados, e do outro a igreja matriz.

As músicas utilizadas durante as apresentações foram compostas em sua maioria pelo também cantor da Orquestra: Jhonnys Silva Assis, canções que transcrevem símbolos do povo altoalegreense, envolvendo os espectadores, ao ouvir as toadas somando com suas próprias experiências, como é o caso da canção: Canto de uma história:

CANTO DE UMA HISTÓRIA

Com emoção vou cantar tua história, relatar sua glória de teu povo lutador
Encontro de sonhos realizados neste lugar
Imigrantes guerreiros com desejo de prosperar
Erguendo moradias e fundindo tradição
A essência de um povo canta o boi com emoção, alto alegre!

Refrão - Alto Alegre, Alto Alegre, terra querida tu és cheia de vida tu és cheia de amor (2x)
No início em teu ceio acolhedor índios... Nômades
Desfrutavam de seu amor
Com terras férteis se plantar tudo dar
E teu rio Pindaré com pescado a abençoar

Ó mãe natureza os teus filhos estão aqui
Nesse ciclo da vida te pedindo para sorrir, Alto Alegre!

Refrão - Alto Alegre, Alto Alegre, terra querida tu és cheia de vida tu és cheia de amor (2x)
Autor: Jhonnys Silva Assis[5].

A canção envolve elementos da história da cidade de Alto Alegre, desde seus primeiros locadores e unindo elementos sociais, remonta ao ouvinte compreender como foi o processo de povoamento da região, além de utilizar símbolos como a fertilidade da terra, e o enaltecimento do rio que percorre a cidade sendo um dos marcadores de influência para a prosperidade da região, através da pesca, atividade que em décadas anteriores era predominante de seus moradores.

Os espectadores da apresentação atentos participam no fim da apresentação juntamente com os brincantes do momento final, onde quem assiste é convidado a concluir o momento artístico dançando juntamente com os participantes do boi. Nesse momento, as crianças e os adultos adentram o espaço de exposição cultural e utilizam os adereços dos brincantes para concluir-se a apresentação. "Uma experiência única e admirável, onde podemos notar nas músicas, elementos do dia-dia do povo alto alegrense", relata Jorge Kayk Costa Saraiva, 19 anos, um espectador que assistiu as apresentações do boi, nos dias que estes se apresentaram no município.

CONCLUSÃO:

O Bumba meu boi é um importante elemento cultural da cidade, e um marco do festejo junino, é aguardado todos os anos pelas pessoas que chegam ao local da realização do evento, para registrar o momento através de fotografias e vídeos que posteriormente serão colocados nos canais de comunicação. Em Alto Alegre do Pindaré, é uma das festas mais aguardadas do ano, e toda a população contribui para essa realização, juntamente com a prefeitura para a apresentação do boi acontecer, tal como na adesão de ensaios itinerantes e vendas de rifas. Para a realização da pesquisa sobre o bumba-boi mocidade alegre, por ser um grupo estritamente novo, para a coleta de informações foi necessário procurar os brincantes e o presidente do boi, que ao ser contatado, ficou animado em falar sobre o boi, e conta ainda que a participação dos jovens, é um elemento importante para a realização das apresentações, o festejo junino é esperado e preparado com muito carinho bem antes do mês de junho chegar, e ao chegar seu fim, deixa ainda um gosto de saudade, tanto para os brincantes, como também as pessoas que assistem as apresentações.

[5] Cópia da letra autorizada pelo autor.

FOTOS DAS APRESENTAÇÕES:

Fotos reproduzidas e autorizadas pela Prefeitura de Alto Alegre do Pindaré- MA.

Fotos reproduzidas e autorizadas pela Prefeitura de Alto Alegre do Pindaré- MA.

Fotos reproduzidas e autorizadas pela Prefeitura de Alto Alegre do Pindaré- MA.

SALVE DE TAMBOR DE CRIOULA NO TERREIRO NOSSA SENHORA SANTANA

Raniery Raiany Silva Flores[6]

A minha jornada se inicia na forma como eu encontrei o evento, do modo mais moderno possível: redes sociais. Já estava à procura de algo que tivesse relação com religiões de matriz africana, mas como nunca tive nenhum contato com nada que fosse desse meio tive que buscar ajuda de colegas da faculdade, perguntei para várias pessoas, fiz essas pessoas perguntarem para outras, mas de nada adiantou, nenhuma delas sabia sobre um possível evento.

Fiz algumas pesquisas na internet, cheguei em uma página que falava sobre a procissão dos orixás, logo pensei que seria o tema perfeito e parecia que tudo estava certo, no dia que eu fiz a pesquisa (07/11/22) olhei a data da procissão e seria dia 8 ou seja, no dia seguinte, tudo encaminhado, é o destino, grande ilusão. Já estava me organizando, olhando no calendário, vendo como eu iria, mas uma falta de atenção da minha parte fez meus planos serem desfeitos, de fato era dia 08, mas de setembro então já tinha acontecido o evento a dois meses atrás, foi aquela sensação de: “Inicio de um sonho, deu tudo errado”.

Com meus planos desfeitos, tive que procurar outro evento, até que fiz outra pesquisa na internet, dessa vez com mais atenção, e procurei nomes de terreiros em São Luiz, no terceiro link da pesquisa, encontrei um Instagram de um terreiro: “Terreiro Nossa Senhora Santana”, dando uma olhada no perfil, achei uma postagem convidando para participar de um salve de Tambor de Crioula no dia 15 de novembro/2022, dois dias antes da data do evento, perguntei para uma amiga se ela sabia onde era o endereço, já que eu não conheço os lugares da cidade.

Por coincidência, ficava próximo a igreja católica que ela frequentava, combinamos de irmos juntas, mas acabou não dando certo, então eu fui sozinha, de ônibus até o terminal e na porta do mesmo tive que pedir um Uber para ir até lá, segui a dica de uma outra amiga da sala, ir confortável, a única coisa que eu sabia relacionado a religiões de matriz africana era que eles tinham o branco como cor principal ou pelo menos era o que eu achava, tanto que, no dia de ir levei dentro da minha bolsa uma camisa de botões branca, vai que as pessoas estavam de branco, eu seria um ponto vermelho no meio deles, visto que eu estava com uma blusa vermelha e uma calça leve com estampas de plantas e de sandália.

[6] Estudante Ciências Sociais /UFMA.

Chegando lá, na faixada aparenta uma casa "normal", mas no fim do corredor, o que seria um quintal, está o pátio do terreiro, adentrando a primeira coisa que me chama atenção é que, em uma parte coberta, uma mesa com estatuas de santos que bem conheço, pela igreja católica, mas na área aberta, tem outra mesa com santos de religiões de matrizes africanas e, enquanto as pessoas aguardavam sentadas o início do salve, tem uma música tocando na caixa de som.

Ao virar para o lado, observo uma senhora sentada tocando um instrumento semelhante a duas madeiras batendo um contra a outra, no ritmo da música enquanto uma criança dança de uma maneira descontraída, a música da caixa de som para por uns instantes, desconecta do celular, e quando retornar com mais uma música, uma pessoa sentada, começa a se exaltar, como se tivesse sentindo algo, uma presença talvez, se levanta e sai em direção à porta.

A maioria das pessoas, estão com copos de cerveja na mão e fumando cigarros enquanto apreciavam a música, na medida em que estão preparando, organizando e aguardando alguém para começar. A senhora que antes batia as madeiras ao ritmo da música, aparenta conhecer todas as músicas, cantando e se expressando conforme cada uma tocava, a mesa que tem a caixa de som também tem 2 Bols, dentro de um aparenta comida e no outro uma farofa, por estarem muito próximos a uma cortina, a força do vento derrubou a caixa de som da mesa e a vasilha com a farofa no chão, mas logo eles pegaram e colocaram novamente no lugar, essa mesma senhora que apreciava as canções, me olha, provavelmente curiosa sobre a razão de eu estar em pé parada.

Enquanto uma das crianças chora querendo uma bolsa que estava na mão de sua irmã, outro senhor que está sentado começa a "passar mal" do mesmo modo que o primeiro e é auxiliado por duas pessoas que estavam ao seu lado, como se já estivessem acostumados com isso. O aparentemente, mestre da cerimônia chega minutos depois e cumprimenta à todos com abraços e apertos de mão, ele está bem vestido usando roupas bem coloridas, uma calça solta azul, com flores azuis bordadas, uma blusa com manga até o cotovelo com flores em formato de leque de cores variadas, uma faixa tricolor (lilás, rosa e bege) amarrada na cintura, uma espécie de cachecol de cores vermelho, amarelo e verde e, por fim um chapéu branco.

Um moço, sem camisa, só de bermuda e com um caneco na mão se levanta e começa a dançar e o mestre de cerimônia sai e retorna com mais uns instrumentos na mão, entregando para a senhora sentada, e dança junto, pega uma garrafa com cachaça e bebe, vendo ele beber uma outra pessoa que acabou de

chegar pede um pouco, ele pega um cachimbo, uma sacolinha de papel que tinha no bolso e começa a fumar, após umas 3 músicas, ele volta a dançar agora com um chocalho na mão.

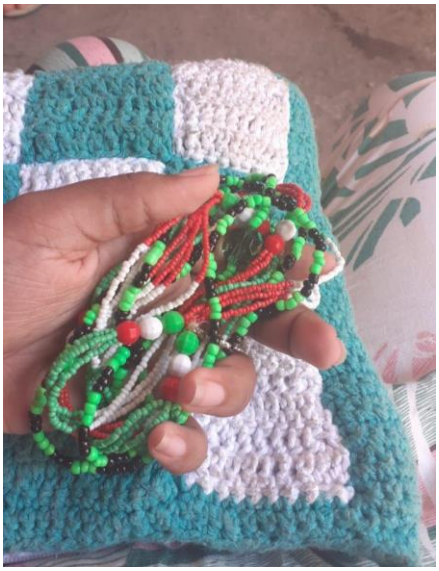
As pessoas começam a chegar por volta das 15hs, algumas se sentavam outras ficavam na calçada do lado de fora esperando, um moço me chamou, perguntando se eu era sobrinha de uma pessoa que ele conhece que faz roupa, provavelmente tentando relacionar o motivo de eu estar ali com uma familiaridade que ele tem, e respondi com um sorriso falando que não, era só visitante e estava por causa de uma pesquisa.

Todo o tempo de espera e preparo é feito com música, as vezes dançado, cantando ou só apreciando a música sentados, o mesmo moço que me perguntou se eu era parente de alguém que ele conhece, perguntou para o "Chris" (escutei uma pessoa se referindo a ele assim) o que estavam esperando para começar, ele respondeu: O tambor esquentar e também esperando o "Careca" chegar.

Com um tambor, uma pessoa começa a "limpar" todo local com algum tipo de erva que está queimando dentro de uma panelinha de alumínio, espalhando a fumaça e as cinzas pelos cantos, e quando um outro menino vai colocar mais ervas, rola uma brincadeira entre ele e uma outra menina de jogar algumas ervas um no pé do outro. Quando o "Careca" chega, já entra pedindo uma cerveja pois, segundo ele, seu pulmão está "seco".

O moço dançarino pede para o mestre de cerimônia ou pai de santo (penso eu), passar um líquido verde nele, bem cheiroso e depois, começa a dançar de novo. Mais uma vez, perguntam se eu quero sentar-me, compreendendo que eles queriam que eu ficasse confortável e a vontade decidi sentar e esperar começar.

O dançarino (apelido que eu dei por não saber o nome dele) chama o Chris de meu pai, em resposta ele fala que não tem filho dessa idade, todos riem, inclusive eu.



Um outro moço pede para eu segura o colar dele enquanto vai ao banheiro, um pouco antes vi isso acontecer com outra pessoa, de uma segurar o colar da outra enquanto ela vai ao banheiro, me passou a impressão de que é algo constante e que tem algum significado, mas não sei definir e nem explicar. (SEGUE A IMAGEM AO LADO)

Assim que o tambor está aquecido o suficiente pelo tampo ser feito de couro de animal, a dança se inicia e o mestre de cerimônia começa a dançar com uma estátua na mão, em seguida passa a estátua para a outra pessoa, a maioria acompanha a música dançado com saia rodada, eles vão passando a estátua ao ritmo da música. Os homens que estão sentados nos tambores enquanto os tocam, nunca olhavam para frente quando uma pessoa de saia estivesse dançando, era sempre para um dos lados.

Quando a música acaba, a última mulher que ficou com a estátua colocou um dos tambores sob sua saia, então um dos tocadores do tambor, parou de tocar e olhou para sua mão, bem cansado depois ele saiu e um outro assumiu, voltando assim a música, e quando o batuque retornou, voltou a passagem da estátua também. Perguntei qual o nome do santo que eles estão segurando para uma moça que estava assistindo, ela tenta lembrar e me responde: São Benedito. A pessoa que está no centro dança com paixão, com vontade enquanto as outras assistem e acompanham, fica uma pessoa centralizada por vez e ao passarem a vez, tocam uma no ombro da outra, nos seios enquanto passam a estátua, mas posteriormente descobri, por duas amigas minhas que em uma noite dançaram o tambor em uma pequena comemoração de aniversário, que essa ação se chama “pungada”, e ao invés de tocar nos seios como eu pensei, é no umbigo.

Um homem apita, encerrando a música, a dança e os tambores. Uma das mulheres que estavam dançando fala que "está mole" se referindo ao ritmo dos tambores. Ao encerrar o salve, todos se sentam, o Chris fala sobre as pessoas bêbadas que esquecem as coisas no terreiro e que sujam, dando sermão, que

ninguém é empregado de ninguém, nem segurança enquanto esperam a cerveja. Agora sentados, a música retorna na caixa de som enquanto a maioria bebe cerveja, descansando para a próxima rodada de dança.

Quando vou para a sala que fica na parte da frente da casa, tem um pessoal conversando sobre problemas familiares: " esse pessoal é ignorante, mas somos todos uma família" é o que falam quando conversam sobre fraternidade e desavenças entre eles. Um outro reclamava que não pode ter um tambor e nenhuma celebração com pessoal na porta, do lado de fora, na calçada e outros dentro dos quartos isolados, assistindo TV, sem interagir com ninguém. Enquanto aguardo fico em pé observando as conversas, peço para uma das moças encher a garrafa de água que eu levei para lá, ela atende meu pedido, foi na parte de dentro, na cozinha e volta com a mesma cheia, agradeci e continuei escutando as conversas.

"Não existe cinco Deus, existe um Deus", "Cada um assume seus atos" palavras de uma das mulheres que estava sentada, com o braço apoiado em uma mesa, enquanto falam sobre um caso de divergência entre um integrante do terreiro e um da igreja que fica próximo a eles, mas não entendi o contexto da conversa em si, mas parecia que as pessoas para quem ela falava já estavam cientes desse acontecimento.

"Tudo é Deus, só ele é o maior, aqueles que fazem o mal uma hora ou outra vão pagar" palavras de um outro moço que me viu em pé escutando as conversas e começou a falar comigo, aparentemente alterado, bêbado talvez pela forma que ele falava, com a voz embriagada e se apoiava em mim enquanto falava. As conversas acontecem enquanto colocaram os tambores para aquecer novamente, e voltaram com a música uns 15 minutos depois acabando assim as conversas, uma moça chega trazendo seu filho de colo, e a criança gostou do ritmo dos tambores, começando a rir.

É curioso como as pessoas parecem dançar para os tambores, girando com as saias em direção a ele, cada um de seu jeito, mas sintonizados e em harmonia com os tambores, aqueles que tocam os tambores, usam ele também como acento, e o maior é usado também como batuque.

A definição dos gêneros também aparenta não ser tão marcante, teve um breve diálogo entre duas pessoas onde uma moça perguntou para o outro qual era de fato o gênero dele, que tem dias que é mulher, outro homem, mas de uma maneira descontraída e em tom de brincadeira, e a resposta foi simples: "depende do dia", essa mesma pessoa posteriormente entrou na roda de dança, com uma saia que pegou emprestado.

Na minha perspectiva é tudo muito alegre e cativante, você acompanha os passos e o ritmo com seu corpo, como se contagia, os tocadores que estão sentados nos tambores, nunca olhavam para frente enquanto uma pessoa de saia estivesse dançando, era sempre para um dos lados.

Eles tocam durante um tempo e depois retornam os tambores para serem aquecidos novamente, mas decidi ir embora, se eu ficasse não iria querer sair depois, pois é tudo muito alegre e cativante. Foi uma experiência fantástica.

Para fechar com chave de ouro, na volta peguei um Uber por já estar ficando tarde para andar até o ponto de ônibus e esperar no meio da rua de um lugar que eu nunca tinha ido. Para a minha surpresa o motorista era do tipo falador, passamos a viagem inteira conversando sobre a volta do uso de máscara, aulas remotas, religião, etc. Assim que entrei, ele me perguntou o porquê de estarem colocando fogo no meio da rua, eu expliquei que era para esquentar o couro dos tambores para a celebração, e ele me falou que já fez parte do candomblé, mas que atualmente ele é evangélico.

No fim da viagem conversamos sobre a concepção de Deus, ele: evangélico, filho de pastor, ex-integrante do candomblé e eu uma jovem estudante agnóstica falando sobre a bondade e justiça de deus. Falamos sobre a força que a fé tem na vida das pessoas, e como tem algumas pessoas que não admitem questionamentos lógicos, ele citou um exemplo de um caso horrível com uma criança, e perguntou: “Se esse Deus de fato é bom e justo, porque essas coisas acontecem com tanta frequência”, e falou que quando perguntou a seu pai sobre isso, eles tiveram uma longa discussão acerca dessa contradição.

De modo geral foi uma experiência incrível, ter visto e ouvido opiniões divergentes sobre as práticas religiosas de matriz africana me fez refletir sobre a perspectiva que as pessoas que vem de família cristã assim como eu tem acerca do diferente, e na maior parte das vezes, opiniões negativas.

O Tambor de Crioula Brinquedo de São Benedito - notas etnográficas

Maria Vitória Costa Miranda[7]

Introdução

O presente artigo trata da experiência etnográfica que vivenciei na 16º Semana Maranhense de Dança - "Brasilidades Maranhenses". Este evento acontece anualmente desde 2006 na cidade de São Luís no Estado do Maranhão. Neste evento acompanhei a apresentação do Grupo de Tambor de Crioula Brinquedo de São Benedito.

O grupo de Tambor de Crioula Brinquedo de São Benedito foi fundado na década de 1970, sob coordenação de Maria da Conceição Fonseca e Seu Pai, Raimundo Fonseca (já falecido). Raimundo Fonseca fez uma promessa de tocar três marchas de tambor para São Benedito, se quando sua filha (Maria da Conceição Fonseca) chegasse à Capital São Luís, tivesse uma casa própria para morar. São Benedito atendeu ao pedido de Raimundo Fonseca, dois anos após o cumprimento da promessa, Raimundo Fonseca veio a falecer. Então para dar continuidade, Camalhete (Falecido Cantador do extinto Boi de São Vicente de Férrer, do sotaque da baixada) sugeriu a Maria da Conceição Fonseca que registrasse o Tambor de Crioula que até hoje é conhecido como Brinquedo de São Benedito.

Hoje com 36 anos de existência e 30 componentes associados, o grupo tem sede atualmente, em São Luís, no bairro Bom Jesus. Coordenado por Adriano Andrade e pelo cantador Alcelino Amorim, a brincadeira mantém o legado deixado pela família Fonseca e a tradição dos tambozeiros da Baixada.

Maria da Conceição Fonseca (co-fundadora do grupo)
(Acervo pessoal -Maria Vitória Costa Miranda)

[7] Graduanda em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão/UFMA.

A Experiência Etnográfica

A roda de tambor aconteceu no teatro Arthur Azevedo que fica localizado na Rua do Sol, no Centro de São Luís. A roda não foi para o palco do teatro, ficou na entrada principal. A apresentação começou por volta das 19h. Os participantes formaram a roda, o coral de homens começou a toada, e os homens que estavam nos tambores acompanharam e as mulheres começaram a dança e assim então se iniciou a apresentação do tambor.

Foto: Maria Vitória Costa Miranda

As mulheres estavam todas vestidas igualmente com saias longas rodadas e estampadas com flores de cores bem vivas e com blusas brancas rendadas e decotadas, usavam também colares e pulseiras coloridas de miçanga, e usavam uma espécie de turbante que combinava com a estampa da saia, no início do tambor de crioula não havia um vestuário fixo e atualmente há. Já os homens estavam todos vestidos com calça e blusa estampada e personalizada do tambor Brinquedo de São Benedito.

Durante o ritual as mulheres rodopiavam no centro da roda e havia um movimento denominado "umbigada" ou "punga" que acontece quando há o encontro de coreiras no centro da roda e uma delas deseja sair. É um convite para que a outra dançante assuma a liderança dos movimentos. Tinham apenas mulheres na roda dançando, as mulheres tinham diferentes idades, e parece que havia uma hierarquia, dentro da roda sempre estavam as mulheres mais velhas do grupo e as participantes que estavam no centro da roda que desejavam sair sempre davam a pungada com as mulheres mais velhas que se mantinham sempre no centro da roda. O que coordena a punga é o tambor grande que é amarrado à cintura do tocador chefe.

No tambor de Crioula, o conjunto de instrumentos é denominado pelos seus integrantes de parelha, os três tambores recebem normalmente as denominações de: tambor grande, meião e crivador. Apesar de

em um primeiro momento os tambores serem predominantemente tocados pelos homens, as mulheres também poderiam tocá-los, em um momento uma participante tocou o tambor grande coordenando a punga. Os três tambores são fabricados com madeira ou PVC, a cobertura do tambor é feita com o couro de boi, veado, cavalo ou tamanduá. Depois da cobertura, é derramado azeite doce no couro que fica exposto ao sol para enxugar e atingir o "ponto de honra", quando é considerado totalmente pronto. Durante a dança, os tambores são esquentados na fogueira para que tenham afinação perfeita.

Foto: Maria Vitória Costa Miranda

O coral e os tambores

As músicas entoadas pelo coral compunham-se apenas de uma frase que se repetia durante um período. Das toadas, consegui apenas identificar duas frases: “Eu sou brasileiro” que expressa uma identidade; E “Deixa ele ‘mais’ eu” que acredito que se referia a São Benedito. O festejo durou apenas 12 minutos, quando acabou, os participantes foram para fora do teatro para uma fogueira onde colocaram os tambores ao redor.

Foto: Maria Vitória Costa Miranda. Coral musical e tambozeiros

Conclusão

Eu nunca havia ido ao teatro antes dessa experiência, e nunca havia assistido a um ritual de Tambor de Crioula, foi uma experiência enriquecedora, pude conhecer um pouco mais da cultura maranhense e dessa expressão cultural tão rica em detalhes e símbolos. Pretendo futuramente aprofundar este estudo e conhecer mais os símbolos do Tambor de Crioula.

RITUAL DE CURA QUE INICIA A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO NO BAIRRO DA LIBERDADE

Hanna Beatriz Soares Costa[8]

INTRODUÇÃO

A Festa do Divino Espírito Santo, que é organizada todos os anos no bairro da Liberdade por dona Maria de Fatima, de 55 anos, surgiu de uma promessa que ela fez após alcançar a cura para um problema que assolava os seus pés. O ritual de cura acontece uma vez no ano e é o responsável pela abertura do festejo. Ele aproxima as pessoas do seu estado espiritual mais íntimo e tem como finalidade não apenas a evolução e cura do corpo físico, mas também da alma. Para adentrar e entender esse tratamento espiritual e sua importância para as pessoas que fazem questão de participar, é necessária a compreensão de que o rito é desempenhado seguindo uma estruturação que vai além, muito além do senso comum.

Inicio do Ritual de Cura (Foto: @preto_ofe)

RELATO[9]

Ao chegar no salão, me deparei com a presença de várias pessoas à espera do início do ritual, que estava previsto para a meia noite em ponto. Cumprimentei a todos e me sentei no segundo sofá,

[8] Graduanda em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão – UFMA.

[9] As fotos que acompanham o relato foram tiradas por mim no dia do ritual (fotos: acervo pessoal Hanna B. S. Costa)

ao lado de Luanderson, braço direito da dona da casa, dali eu tinha uma visão perfeita do salão e do quartinho de segredos, onde estavam dona Maria de Fátima e outras cinco pessoas. A porta estava fechada e o silêncio era o único som que aqueles que estavam do lado de fora podiam ouvir. O quartinho de segredos é um espaço de oração na qual os guias são chamados para que haja a permissão da execução do ritual. Os curandeiros só sairão de lá quando sentirem a presença da encantaria. É um espaço íntimo e fechado.

Enquanto a porta não se abria, passei os olhos pelo salão diversas vezes para tentar, confesso, prever o que me esperava. Havia velas no chão, e perto da janela, coberto com uma espécie de tecido acetinado branco, estava o primeiro tambor, ele era o único que estava em posição diagonal. Na sequência estavam o segundo tambor, na posição horizontal, uma cadeira com um ferro em cima, o último tambor na mesma posição do segundo, e ele, o altar da casa.

O altar é o ponto mais importante, nele estão concentradas forças religiosas que alcançam todas as pessoas que diante dele se curvam e expõem sua gratidão ou súplica. A pomba representa o divino espírito santo, a terceira pessoa da santíssima Trindade e o personagem principal da celebração.

A porta do quartinho de segredos foi aberta e o ritual se iniciou. Dona Maria de Fátima saiu de cena e a cabocla Menina da ponta d'areia foi quem guiou as outras cinco pessoas até o centro do salão. A essa altura, os abatazeiros (tocadores de tambor) já estavam em seus respectivos lugares e o

tocador de ferro também, com suas guias nos pescoços, braços e mãos atentas. Todos os curandeiros vestiam branco da cabeça aos pés, possuíam grandes e grossas guias traçadas ao redor do peito, cabeças cobertas e cordas amarradas na cintura, o cordão de São Francisco ou Palanchama, que serve para proteger o eixo magnético da região de espíritos ruins que venham de baixo.

Participantes do ritual iniciando uma doutrina

Nesse momento, Luanderson se levanta do meu lado e vai em direção a cozinha, pega um defumador e volta ao salão. Ele balança o objeto e anda em círculos em volta dos curandeiros, defuma os tambores, o pé do altar e se retira. Ouço os tambores e a cabocla Menina da ponta da areia inicia a doutrina de abertura:

Oh ideí
Oh ideal
Oh vem abrir a minha mesa
Oh ideí
Oh ideal

Estou fascinada. É a primeira vez que experiencio um ritual de cura, cujo toque seja feito por tambores. Luanderson me explica que na Baixada é muito comum e que todos os objetos usados no ritual vieram do interior de dona Maria de Fátima, Central do Maranhão.

Os curandeiros dançavam e as entidades começaram a marcar presença. As saias rodopiavam tanto que me perguntei se era possível ficarem tontos, imagino que não, porém eu fiquei.

Tentei registrar o máximo que pude todos os momentos daquele ritual, até que Chica Baiana surgiu em frente ao meu aparelho de celular e me perguntou o porquê estava com “aquilo” apontando para os curandeiros. Expliquei o motivo, mas ela fechou a cara e eu entendi que deveria parar de gravar.

Pelo fato da cura estar sendo tocado por tambores, eu fiquei estranhamente atenta ao toque que era conduzido pelas doutrinas. Era muito diferente de tudo que havia visto e recorri a Luanderson mais uma vez para que ele me explicasse. Ele me falou da Mina corrida, dobrada e compassada, ou seja, ritmos específicos do tambor de mina. Eu não estava diante de nenhum deles, mas sim de um ritual de pajelança. E era ali que estava a diferença. Era um ritual de cura tocada por tambores de mina com um toque específico da pajelança.

Tambores Ritual de Cura

As doutrinas iam sendo puxadas uma atrás da outra e confesso que me desafiei mentalmente a cantar alguma sem errar, não aconteceu. Primeiro, sei pouquíssimas doutrinas. Segundo a maioria das que estavam sendo cantadas no ritual, eram de autoria dos próprios curandeiros ali presentes, algumas delas surgiam em sonhos e outras ali mesmo diante de todos nós. Fantástico.

Eu não consegui levantar daquele sofá desde o momento em que sentei nele quando cheguei, não percebi que precisava esticar as pernas ou sequer tomar água. Às 01:17 da madrugada foi feita uma pausa e todos os curandeiros seguiram para o quintal da residência. Eu aproveitei para me levantar e observar a interação entre eles fora do ambiente de cura. Os curandeiros conversavam

com todo mundo e eu fiquei surpresa com o fato de que algumas pessoas ali os conheciam de longas datas. Não é apenas uma relação de respeito, e amizade também.

Na volta para o salão, trombei com um dos abatazeiros na cozinha tomando um café, notei a vermelhidão em suas mãos e só consegui pensar nas boas horas de ritual que ainda tínhamos pela frente. Segui para o sofá e vi que já estavam preparando algumas coisas para o encerramento.

Luanderson entra no quartinho de segredos e eu visualizo alguns objetos lá dentro, o que mais me chama a atenção é o altar, menor que o do salão, porém mais intimidador.

O altar do salão é visível tanto para quem mora na casa quanto para quem vem de fora e sente a necessidade de se benzer, fazer pedidos ou agradecimentos, ele possui mais santos também. Já o altar do quartinho de segredos é o centro de todos os trabalhos realizados ali. É a encantaria da casa, voltado às entidades.

Altar do Salão

Às 01:44 a pausa termina e todos voltam ao salão, o som dos tambores invade o espaço e uma curandeira inicia outra doutrina. Nesse momento a felicidade me inundou, era uma doutrina conhecida e eu finalmente pude cantar também:

> *"Foi no passar do igarapé, foi aonde eu me encantei, a maré encheu, a maré vazou, foi no passar do igarapé que o meu guará passeou"*

Enquanto a doutrina era cantada eu percebi que um dos abatazeiros do primeiro momento precisou se retirar e outro que estava com vestes escuras entrou em seu lugar.

A curandeira mais alta pegou um dos panos que serviam de coberta para os tambores e fez uma amarração entre o ombro esquerdo e a parte de baixo do braço direito do homem. Vestir roupas claras em rituais da umbanda favorece os estímulos necessários para o desenvolvimento do trabalho. Ele não poderia tocar sem que estivesse devidamente trajado.

Às 02:00 em ponto, Luanderson, aparece com o defumador mais uma vez e repete o processo de circundar os curandeiros, os tambores e o pé do altar. Eu não poderia deixar de elogiar a pontualidade e disciplina com que todo o ritual estava sendo conduzido. Seguir as regras parece imprescindível.

Passados alguns minutos, deixo o meu olhar acompanhar os preparativos finais do ritual, vejo Luanderson trazer uma cuia de barro com água e colocar no centro do salão. Os curandeiros fazem um círculo e Menina da ponta d' areia inicia uma doutrina que me traz uma sensação de melancolia, ela diz:

> *"Galo cantou, Oliveira. Tá na hora, vamo simbora. Galo cantou, Oliveira"*

Os abatazeiros seguem o ritmo da triste doutrina e uma curandeira começa uma espécie de despedida ou agradecimento. Ela segura uma das mãos da idosa espectadora que estava mais próxima dela, levanta acima de sua cabeça e a abraça primeiro pelo lado direito e depois pelo lado esquerdo. Ela repetiu o processo com todos na roda até chegar em mim. Aquilo não era algo novo pra mim, mas eu confesso que até esse exato momento eu ainda não tinha sentido a necessidade de saber o porquê entidades cumprimentam dessa forma. Quando ela se aproximou de mim e me cumprimentou, senti vontade de perguntar seu nome, mas fiquei com vergonha e a deixei seguir seu caminho.

De repente o silêncio se tornou predominante e a reza em volta da cuia de barro foi iniciada. Todos de frente para o altar. Crença. Devoção. Encantaria.

A cuia de barro estava ali como um símbolo de encerramento e oferta. Todo ritual de cura oferece algo. A cabocla Menina da ponta d'areia levanta o objeto e inicia a oferenda. Ela oferece água aos curandeiros e depois aos outros que estavam presentes. Quando ela chega até mim e pega um pouco do líquido com uma cuia menor e me oferece, eu sem dúvidas bebo tudo, em seguida me benzo, peço toda proteção que as entidades e os orixás puderem me oferecer e me permito sentir a emoção de dever cumprido.

Após todos da casa beberem a água da cuia, Luanderson a pegou da mão da cabocla, foi até a porta da rua e ofereceu o restante aos encantados que vivem no tempo, os espíritos da rua ou zumbetês (espíritos ruins).

Às 02:56 o fechamento da cura se iniciou e lenços brancos foram oferecidos a todos que estavam com o Ori (cabeça) exposto. O Ori é símbolo de conhecimento, de comando, de aprendizado e elevação do pensamento. É inevitável sentir alívio ao cobrir a cabeça e ter a sensação de estar protegido de espíritos zumbetês, que se aproveitam do fechamento de trabalhos para dar o ar da graça.

Reza e Tambor. Tambor e reza.

A festa do divino espírito santo do bairro da Liberdade finalmente começou!

CONCLUSÃO

Em virtude dos fatos mencionados, eu afirmo que essa experiência foi sem dúvidas muito diferente de tudo que já experimentei no meio acadêmico. Observar e pôr em palavras o detalhamento de um ritual que está envolvido em um contexto que funde a realeza e o popular; o sagrado e o profano; a singularidade e a diversidade, foi de uma grandeza sem tamanho.

O 'DIVINO DO REVIVER' NA PANDEMIA

Gerson Carlos P. Lindoso[10]

> *Nas ruas que nós passávamos pela manhã, depois da missa e quem estava lá, testemunhou esse momento, as pessoas desciam dos casarões, né... pedindo a Deus, pedindo saúde! As pessoas desciam às ruas pedindo ao Divino que passasse essa fase que estamos passando...Pessoas choravam, né de emoção! Então, nós levamos a fé e nós mostramos que quem nos manda é a nossa fé e o Divino! E o desafio que encontrei foi somente isso: de pessoas tirar nossa coragem e dizer que a polícia ia proibir o Divino! (Depoimento de Mãe Bianca a respeito da festa do Divino realizada na pandemia, Entrevista, MAIO 2022).*

A pandemia da COVID-19 causada pelo Novo Coronavírus (SARS COV-2), que atingiu o mundo inteiro de forma brutal, e que foi declarada como novo surto pela OMS desde 30 de janeiro de 2020, promoveu uma série de impactos, mudanças e transformações nos âmbitos socioculturais, além de reflexos acentuados em setores da economia, educação, saúde, entre outros obrigando a população mundial a criar estratégias de sobrevivências em meio as orientações sanitárias da Organização Mundial de Saúde- OMS (a questão do isolamento social em destaque) em meio a essa crise. No dia 05 de maio de 2023 a OMS anunciou que a pandemia da Covid-19 deixou de representar uma emergência de saúde pública internacional (ESPII) não significando o fim total da mesma (ROCHA, 2023).

No Estado do Maranhão o setor cultural sofreu bastante com as implicações pandêmicas enfrentadas no seu período mais crítico (2020-2022), atingindo todo um ciclo de festas religiosas, manifestações folclóricas e culturais em sua ampla diversidade, afetadas especialmente pela orientação sanitária da OMS a respeito da não aglomeração de pessoas.

---

[10] 1-Devoto do Divino Espírito Santo, antropólogo e professor EBTT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão- IFMA SL-CCH. Membro da Comissão Maranhense de Folclore. Trabalho publicado em formato eletrônico na Revista Internacional de Folkcomunicação- RIF no seguinte endereço: https://revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/21830

É inegável que todas as festas do calendário cultural maranhense foram diretamente afetadas por esse vírus mortífero, dentre elas as de Carnaval, a dos Santos Juninos (São João no Maranhão) e as devocionais em louvor ao Divino Espírito Santo, realizadas ao longo do ano inteiro em todo Estado. Tivemos como objetivo principal a incumbência de estabelecer um diálogo reflexivo sobre algumas das principais cosmovisões e cosmopercepções do povo de santo maranhense (devotos/ festeiros de Espírito Santo) a respeito das consequências e alterações do cotidiano dessas comunidades diante da pandemia da Covid-19, dentre as quais analisamos aqui, a 'Festa do Divino do/ no Reviver', organizada pela festeira e Ialorixá Bianca Nunes do Espírito Santo.

Um dos imbróglios destacados com relação ao tema tratado é que o isolamento social como um dos meios mais fortes de prevenção ao novo coronavírus ao mesmo tempo que interditou várias festas do Divino Espírito Santo em São Luís e no Estado, alterando não só os calendários de realização dessas festas, mas todo um complexo simbólico ritual próprio dos povos tradicionais de matriz africana e de suas relações intrínsecas com o Divino não conseguiu 'silenciar' ou obstruir as suas realizações de maneira total.

Ao lançarmos olhares a respeito dessas cosmovisões e cosmopercepções tendo como objeto de análises, a festa do Divino Espírito Santo[2] especialmente na ilha de São Luís-Maranhão teremos como narrativas preponderantes as vozes das populações tradicionais de matriz africana ou afrodescendente a partir dos seus territórios de axé, e de seus 'pretagonismos' como perpetuadoras dessa tradição cultural popular festiva de origem devocional europeia. Seguindo os mecanismos jurídicos (decretos nº 35.672 de 19/03/2020 e 498 de 24/03/2020, governo federal e estadual-AL/MA., respectivamente) que estabeleceram o estado de calamidade pública no Brasil e Maranhão diante da proliferação da Covid-19, além da portaria nº 38, de 10 de junho de 2020, todos baseados nas orientações da Organização Mundial de Saúde- OMS, a maioria das festas do Divino Espírito Santo em São Luís foram suspensas. A tradicional festa do Divino Espírito Santo na cidade histórica de Alcântara (LIMA, 1988, p. 21) que é usualmente realizada a partir da quinta-feira da Ascensão do Senhor ao Domingo de Pentecostes, datas móveis do mês de maio por decisão dos seus organizadores (as) não foi realizada nos anos de 2020 e 2021.

Na capital maranhense, a ilha de São Luís, são realizadas inúmeras festas do Divino Espírito Santo, além de homenagens devocionais por meio de 'salvas festivas' ao longo de todo ano sendo complexo apontar com exatidão um quantitativo das mesmas muitas vezes em face dos cadastros não expressarem a realidade em sua totalidade. O que podemos afirmar com veemência é que nos anos de 2020/2021 em que fomos acometidos por esse estado pandêmico crítico a maioria das festas do Divino Espírito Santo no Maranhão, São Luís, Alcântara etc., silenciaram suas caixas diante das medidas sanitárias e dos protocolos referentes ao combate ao Novo Coronavírus em contrapartida nem todas!

A festa do Divino Espírito Santo apresenta uma dimensão simbólica e histórica ampla, dialogando de maneira dinâmica com os territórios e territorialidades nos quais ela se perpetuou, especificamente, aqui na diáspora brasileira. Ao conceituar essa festa, o historiador e folclorista Carlos Lima (2002a, p. 6) afirma que essa festa 'é uma celebração religiosa profana, de início praticada pela nobreza e pela gente rica, que mais tarde chegou à população mais modesta e que dela se apropriou'. Ainda de acordo com o autor supracitado (Id Ibid) essa festa originou-se numa instituição criada por Oto Guilherme Leopoldo Adalberto Valdemar ou Oto IV, duque da Baviera (Alemanha), com o objetivo de ajudar os pobres de seu império, acometido de fome, no séc. XIII, depois espalhando-se pela Europa e chegando em Portugal em 1296.

No quadro abaixo elencamos algumas das principais festas e salvas do Divino Espírito Santo na capital ludovicense e outras cidades maranhenses impactadas nesse contexto pandêmico.

ALGUMAS FESTAS/ SALVAS DO DIVINO ESPÍRITO SANTO EM SÃO LUÍS E OUTRAS CIDADES ENTRE 2020-2021- INÍCIO PANDEMIA	**EFEITOS OU IMPACTOS PANDÊMICOS**
Casa das Minas/ Centro da Cidade/ representante: Euzébio Pinto	Festa não realizada em 2020 e em 2021 foi remanejada para o mês de novembro.

Casa de Nagô/ Centro da Cidade/ representante: Alex Correa/ Irmandade da Casa de Nagô	Festa não realizada nos anos 2020 e 2021.
Terreiro de Iemanjá/ Fé em Deus/ representantes: Mãe Eglantine- Dedé de Boço Có e Raimunda Oliveira (Divino)	Festa não realizada nos anos 2020 e 2021.
Terreiro de Mina São Jorge Jardim de Oeira- Casa Fanti Ashanti/ Representante atual: Isabel dos Santos Costa- Mãe Kabeca	Salva realizada nos anos de 2020 e 2021.
Ilê Ashé Ogum Sogbô/ Quilombo Urbano da Liberdade/ representante: Pai Airton Assunção Gouveia	Festa não realizada em 2020 e em 2021 o festejo contou com uma salva festiva no seu dia principal: 27 de setembro.
Ilê Ashé Obá Yzoo/ Quilombo Urbano da Liberdade/ representante: Pai Wender Loredo Pinheiro	Festa não realizada nos anos 2020 e 2021.
Ilê Ashé Toy Xapanã/ Jardim Tropical/ Representante: Pai Marcio Angleson	Salva do Divino realizada em 2020* e em 2021. No ano de 2020 ela foi remanejada de julho para agosto em face da pandemia.
Ilê Ogu Oni Lonon Kpèntén/ Maracujá/ Representante: Pai Leandro de Ogum	Primeira Salva realizada em 2021*. De acordo com Pai Leandro de Ogum (2022) em face da pandemia muito forte em 2020 a salva não foi iniciada naquele contexto.
Festa do Divino do Reviver/ Centro Histórico de SL/Irmandade da Santíssima Trindade- Representante: Mãe Bianca Lopes	Festa não realizada em 2020, mas efetivada em 2021.

Ilê Ashé Toy Lissá/ Cidade Olímpica/ Representante atual: Vera- filha biológica da saudosa Mãe Marize	Festa não realizada em 2020 e 2021.
Terreiro de Mina Nossa Senhora Santana/ Apeadouro/ Representante: Cliger Rodrigues de Sousa (Tutu)	Festa realizada em 2020 e 2021.
Terreiro de Mina Santa Luzia/ Porto Grande/ Representante: José Ribamar Costa Neto	Salva do Divino realizada nos anos de 2020 e 2021.
Ilê Ashé Otá Olè- Terreiro de Mina Pedra de Encantaria/ Maiobão- Paço do Lumiar-MA/ Representante: Pai José Itaparandi	Festa não realizada em 2020 e 2021.
Terreiro Fé em Deus/ Sacavém/ Representantes: Mãe Elzita/ Mãe Roxa	Festa não realizada em 2020 e 2021.
Terreiro de Mina Santa Rosa de Lima/ Cururuca-Paço do Lumiar-Ma./ Representante: Pai Eudivan Ribamar Costa Silva- Bia do Cururuca	Festa não realizada em 2020 e 2021.
Festa do Divino Espírito Santo/ Alcântara-Ma.	Festa não realizada nos anos 2020 e 2021.

Fonte: Elaboração Própria (2022)

A partir das cosmologias e cosmopercepções dos povos de matriz africana em São Luís ('pretagonistas divinos') de que esse é um **'**momento difícil e complexo', e que 'precisamos ter fé e coragem para enfrentar as dificuldades', inclusive de 'levar o Divino para a rua' para pedir saúde e paz no mundo diante dessa pandemia', como pontuou nossa interlocutora principal, a Ialorixá do Candomblé Angola e devota, Bianca Lopes (2022). Nesse relato de mãe Bianca Lopes podemos

perceber fortemente alguns elementos plurissignificativos com relação às cosmologias e cosmopercepções relativas ao Divino Espírito Santo e a sua atuação diante do estado calamitoso da pandemia: a cura, a saúde, a salvação diante do caos, a força, o ashé, a fé como mola transformadora, etc. As cosmologias e cosmopercepções dos povos de matriz africana no Maranhão, especialmente em São Luís, a exemplo do 'Divino do Reviver', vão estabelecer interconexões simbólicas importantes entre universos míticos- culturais e sagrados, reatualizando espaço e tempo, resistindo e salvaguardando um continuum civilizatório, presentes em suas interações e coletividades (PEREIRA, 2021, p. 72).

A pesquisadora Michol Carvalho (2010, p. 10) ao refletir a respeito das festas do Divino no Maranhão, o 'Divino Maranhense nas casas de culto', pontua que ao longo desse período festivo instaura-se o "Cosmo do Divino", no qual espaço e tempo são ressignificados, a partir de novas conexões costuradas por teias de fé e devoção. Concordamos com a estudiosa (Id Ibid) que essa festa é uma tessitura a ser compreendida em seus detalhes e minúcias, pois os elementos principais dessa festa (os agentes- caixeiras, império, símbolos sagrados, a tribuna, etc.) esbanjam a todo instante textos e experiências plurissignificativos, tanto reatualizando no presente o tempo histórico passado, quanto recriando uma forma de organização sociopolítica na realeza, constituindo um "Império do Divino para o Divino".

Evidenciamos que para além do reconhecimento e identificação das espacialidades desse "Cosmo Divino" e categorização da festa como o "Império Divino para o Divino" (BARBOSA, 2006; CARVALHO, 2010) em um Estado e Capital Ludovicense de predominância negras, é urgente e necessário, descolonizar muitas dessas epistemologias analíticas acerca dessa festa e reforçar ainda mais nossos "Pretagonismos" (FRANÇA; RAYMUNDO, 2022) como agentes imprescindíveis nas (re) criações, ressignificações e (re)existências dessa mesma festa, a partir da ideia de um 'Império Pretuguês' (GONZALEZ, 2010, p. 72) na diáspora ou de um 'Império Divino Pretuguês Maranhense'.

A FESTA DO DIVINO DO/ NO REVIVER

Figura 1: Imperatriz com a Santa Croa

Fonte: Bianca Lopes, 2021

Essa devoção ao Divino Espírito Santo expressa por Bianca Lopes Nunes Espírito Santo, mulher transexual, negra, candomblecista e devota é uma herança e tradição familiar, vindo de sua mãe, Filomena Nogueira Nunes dos Santos (devota e festeira) e seu bisavô Antonio Teófilo Magalhães dos Santos, que foi um dos fundadores da centenária Irmandade da Santíssima Trindade[9], ligada a antiga Igreja Nossa Senhora da Conceição dos Mulatos[10], localizada na época na rua Grande-Centro Histórico de São Luís. De acordo com a historiadora Luciana Lessa (2012, p. 55) as irmandades católicas eram confrarias ou associações originadas ainda no período medieval (sécs. XII e XIII) e que no Brasil, período colonial, que além de ter objetivos muito definidos, como a expansão da fé católica e submissão dos índios e negros ao sistema colonial e escravista, elas funcionavam como catequizadoras e como espaços politizados de ressignificação de simbologias sagradas africanas a partir do Catolicismo.

Com a demolição da Igreja de Nossa Senhora da Conceição dos Mulatos no ano de 1939 como projeto arquitetônico e urbanístico da cidade, e posteriormente reconstruída no bairro do Monte Castelo, houve uma divisão e dispersão do povo da Irmandade da Santíssima Trindade. Como relata Bianca Lopes (2022) a irmandade possuía três objetos simbólicos de real valor, as três

Coroas ou 'Santas Croas': do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Ao visualizarmos a imagem da imperatriz na figura 1 podemos identificar nas suas mãos a 'Coroa do Filho', datada de 1889, e que foi herdada da Irmandade da Santíssima Trindade pelos avós de Bianca, tendo um valor simbólico devocional importante para dar início a festa analisada.

As origens da 'Festa do Divino do/ no Reviver' estão intimamente relacionadas ao contexto histórico dessa irmandade supracitada (fundada em 1889), composta majoritariamente por pessoas de cor, ligada à Igreja de Nossa Senhora da Conceição dos Mulatos, tendo a festa iniciada a partir da ritualística completa com caixas, impérios, e divino, no início do séc. XX, entre os anos 30-35. Primeiramente, começou no bairro do Gapara, na região oeste da cidade- Itaqui Bacanga em local espaçoso de muitos sítios, e teve naquele momento o protagonismo familiar das bisavós de Bianca e, posteriormente, migrou para os bairros de Fátima e João Paulo.

Entre os anos de 88-89, agora em um sítio para os lados da Santa Bárbara, Bianca Lopes toma a frente da Festa do Espírito Santo, pois segundo ela sua mãe, Dona Filomena, já estava de idade e doente. Essa festa era conhecida por todos/ as / es dessa região, dos bairros adjacentes de Tajaçuaba e Guarapiranga, que participavam dela também.

Posteriormente, ela migrou para a Vila Vitória permanecendo um tempo lá e, atualmente, com cerca de uma década em parceria com o Ponto de Cultura Catarina Mina, do produtor cultural e dançarino Ivan Madeira, a festa foi reterritorializada no Centro Histórico, sendo conhecida como a 'Festa do Divino do/ no Reviver'. Mesmo com a festa sendo realizada em pleno segundo ano de pandemia e com grande parte dos festeiros (as) vacinados (as) com a primeira dose da vacina da Covid-19, o Divino do/no Reviver ainda foi impactado pela pandemia, pois não apresentou a ritualística completa, a partir da realização das visitas e missa nas igrejas.

Figura 2: Mãe Bianca Lopes de branco **Figura 3:** Corte Imperial ao redor do mastro

Fonte: Autoria própria, 2021 **Fonte:** Bianca Lopes, 2021

Nossa pesquisa não teve o intuito de apontar dados quantitativos ou mesmo de rotular 'quem realizou ou não' a festa do Divino Espírito Santo ao longo da pandemia; ou mesmo de modo maniqueísta classificar aqueles/ as que 'respeitaram' ou 'desrespeitaram' esse momento a partir de suas 'desobediências e insurgências divinas'. Como um diálogo antropológico mais uma vez evidenciamos que nossa preocupação foi refletir a respeito dos sentidos e significados que levaram alguns donos (as/ xs)- devotos/ as/xs a festejarem Espírito Santo nesse contexto, a exemplo aqui, de Bianca Lopes, Ialorixá e devota/ fazedora de festa do Divino Espírito Santo do/ no Reviver.

De acordo com Bianca Lopes (2022) as dificuldades de 'botar o Divino na rua' na pandemia foram muitas, desde o suporte financeiro dos seus apoiadores (as) até as críticas da própria comunidade festeira geral da cidade, entretanto, a sua iniciativa apresentou significações plurais desde a 'coragem de fazer' até a própria manifestação de fé e o apoio incondicional de suas caixeiras:

> O principal desafio de fazer a festa na pandemia foi das pessoas chegarem até a mim e dizer que não iria participar, devido o processo sanitário e muitas pessoas ficavam me tirando força; me dizendo:

> não, tu é um doido fazer! E não sei o quê e não sei o que mais! Então, eu achei assim, as pessoas que nos ajudaram, tipo assim, alguns políticos, que sempre ajudaram nas camisas e outras coisas que a gente pede nos fecharam as portas e disseram que não iam participar para não ter suas imagens vinculadas a uma quebra sanitária. E a gente via que naquele processo de ano passado (2021!) já estava caminhando bem para as vacinas e todo mundo já tinha vacinado pelo menos a 1ª dose! Eu já estava com minha segunda dose já, e na época, todas as caixeiras já estavam vacinadas! E eu sentei com elas mesmo, só com elas e disse: Gente, vamos fazer o Divino!? Vamos botar o Divino na rua?! Vamos pedir para o Divino graças a essas pessoas! E então, foram elas em si que me deram força também. E eu achava que só elas iriam participar com os impérios, só! Eu não achei que desse essa dimensão que deu, quando nós botamos o Divino na rua! (LOPES, Bianca. Entrevista, Maio 22).

Dentre alguns dos elementos que se destacam, aqui no discurso de Bianca Lopes, há potencialmente um misto de fé, devoção, coragem, confiança e amor pelo sagrado em fazer a festa do Divino Espírito Santo, por conseguinte, essa narrativa nos leva a analisar algumas funções importantes que engendram a 'festa' em si. Destacamos que participamos dessa festa para além de um olhar antropológico clássico de 'observador participante' e de mero 'cientista social cartesiano', mas como um intelectual orgânico/ engajado ou mesmo um 'devoto colaborador divino', assumindo funções iniciais de 'padrinho da tribuna' até o cargo vitalício de ´padrinho da mesa da casa' como foi determinado pela dona da festa, mãe Bianca Lopes.

A saudosa antropóloga Rita Amaral (1998, p. 14) aponta variadas significações nas múltiplas características e funções desempenhadas por essa categoria, a partir de uma visão durkheimiana e dos estudos depois dele: a) superação da distância entre os indivíduos b) a produção de um estado de 'efervescência coletiva' c) a transgressão das normas coletivas.

Diante de tais características durkheimianas apontadas, queremos chamar à atenção para o item 'c'- transgressão de normas coletivas, que se configura como uma das funções importantes da festa aliada aqui ao contexto analisado. O estado pandêmico atual no Brasil interditou festas do Divino Espírito Santo tanto nacionalmente quanto internacionalmente, a partir da não efetivação da mesma em outros países que a organizam em devoção ao Divino (Portugal, Canadá, EUA, etc.)

por conseguinte, todas as iniciativas de realização de festas do Divino em São Luís-Maranhão, a exemplo do 'Divino no Reviver' apenas exerceram suas motivações, a de propiciar ou negar uma determinada ordem; ou mesmo de promover uma ruptura total, a capacidade de contestar, anarquizar, demonstrando o poder subversivo e libertador que a festa carrega em si (DUVIGNAUD, 1983); a 'ruptura de uma proibição solene' (FREUD, 1974; CAILLOIS, 1998).

Por meio desse diálogo provocativo acerca das plurissgnificativas imagens divinas e das cosmovisões/ cosmopercepções dos povos de matriz africana diante desse contexto pandêmico mundial pudemos compreender que as inúmeras potencialidades dos saberes orgânicos, culturais e ancestrais presentes nessa tradição festiva foram de suma importância nos enfrentamentos e combate a esse vírus letal. O Divino do/ no Reviver, de Mãe Bianca Lopes nos evidenciou que motivações permeadas de Fé, Coragem, Persistência promovem mudanças importantes em contextos adversos, especialmente o que nos atravessa ainda na atualidade como os efeitos e mutações da Covid-19, e os cuidados que ainda devemos implementar em meio às flexibilidades e ao tão propalado 'término da pandemia'.

As variadas estratégias desenhadas pelos festeiros (as/ xs)/ organizadores (as/ xs) do Divino no Maranhão no combate ao vírus, especialmente de Mãe Bianca, em meio às restrições sanitárias; aos apelos em relação aos sistema vacinal; ao próprio isolamento demonstram o caráter crucial da festa: o de promover mudanças, questionamentos e romper com padrões estabelecidos. O Divino do/ no Reviver comprovou isso e 'abriu portas para outras festas acontecerem e muitas caixas voltarem a tocar' (LOPES, 2022).

O CENÁRIO DO REGGAE EM SÃO LUÍS DO MARANHÃO – Reggae agarradinho: um convite para dançar as melhores pedras

Maria Cecília Santos[11]

Considerações iniciais

A escolha do tema para a presente pesquisa etnográfica se deu principalmente porque o reggae no Maranhão é um dos aspectos culturais mais marcantes para quem vem de fora. Aproveitei a oportunidade para conhecer mais de perto as festividades de reggae que predominam em toda São Luís. A princípio, a ideia era de ir ao máximo de festas e/ou reuniões de reggae que eu pudesse no prazo estipulado. Porém, o tempo e outras atividades que deveria fazer simultaneamente não permitiu a diversidade de festas, por isso, optei por uma festa chamada "reggae agarradinho" que aconteceria no dia 20 de novembro deste ano.

Tive a ajuda imprescindível de Rayanne, uma colega de turma na universidade, para me informar sobre as diferenças dos reggaes, das danças etc. Ela me explicou as diferenças entre o *reggae roots* e *reggae eletrônico* - e suas variações. Durante as conversas, Rayanne me informou sobre os modos de dançar o reggae na cultura de São Luís, o *reggae roots:* que seria um modo de dançar "agarradinho" e, o *reggae eletrônico*: que teria algumas variações, como, por exemplo, o "robozinho". Ainda nas conversas eu contei a ela como se dançava o reggae no meu Estado de origem (Bahia) – ainda que não seja tão popular a existência de festas de reggae na minha cidade de origem –, que se dançava individualmente, dando "pulinhos". Ela me informou que esse modo também existia em São Luís, mas com menor frequência, que esse modo de dançar em "pulinho" seria o modo de dançar da Jamaica.

Por fim, escolhi pela observação do *reggae roots* de estilo de dança "agarradinho" que seria o modo mais comum de dança em São Luís. Fui a uma festa privada (portaria fechada) no Porto Seguro Bar & Restaurante, que fica no centro de São Luís próximo ao Terminal de Integração da

[11]Estudante do curso de Ciências Sociais da UFMA. As fotos e desenhos são do acervo pessoal da autora.

Praia Grande. Uma festa que acontece frequentemente de acordo com a página de divulgação do restaurante no Instagram. Combinei com Rayanne (que já frequenta muitas festas de reggae) para me acompanhar até o evento.

Porto Seguro Bar & Restaurante – Reggae agarradinho

A cultura reggae em São Luís do Maranhão é muito visível pela estética da cidade, basta um trajeto feito de ônibus para identificar símbolos e cores jamaicanas associados ao reggae. O verde, amarelo e vermelho está presente nas portas de casas, nas logomarcas de lojas da cidade, nos acessórios de pessoas que transitam nas ruas e ônibus e também são as cores do Clube de Futebol Sampaio Corrêa, o mais popular de São Luís. Embora as cores do clube não sejam associadas diretamente ao gênero musical reggae, as cores compõem o cenário do reggae ludovicense.

Para chegar ao Porto Seguro Bar & Restaurante, de onde eu partiria (bairro São Cristóvão de São Luís), deveria ir primeiro até o Terminal de Integração da Praia Grande e de lá pegar um ônibus para descer na primeira parada após o terminal. No ônibus, na ida até o Restaurante, pude ver pessoas usando pulseiras e colares de fios de cera trançados nas cores do reggae, blusas com estampas do cantor ícone do reggae Bob Marley e outros artistas que não pude identificar. Também constatei uma presença forte de pessoas – em sua maioria homens – usando boinas, aparentemente feitas de linha de crochê nas cores do reggae. Algumas conversas de ônibus também são referentes às festas que acontecem na cidade. O clima nos ônibus às 19h em São Luís era de descontração. Se percebia que algumas daquelas pessoas presentes no ônibus iriam para alguma festividade. Ainda que não fosse, como disse, a presença de objetos acessórios e/ou vestimentas associadas ao reggae é muito forte e presente na cidade.

Um fato curioso é que em alguns ônibus há a presença de caixinhas de som, não sei quem faz as escolhas das músicas ou se é uma rádio. Mas, algumas músicas tocadas eram no ritmo de reggae e outras de serestas. Na chegada até o Terminal de Integração da Praia Grande o clima permaneceu o mesmo. Algumas pessoas aparentavam estarem indo para suas respectivas casas e trabalhos, outras, no entanto, para festas, usando roupas e acessórios associados ao reggae e/ou vestindo roupas consideradas socialmente como “roupa de sair” ou “roupa de festa”: nas mulheres vestidos curtos ou saias curtas, shorts e “tops”, bermudas nos homens, regatas, boinas

e bonés. Considerando que o clima em São Luís é muito quente, não é surpresa que as roupas sejam mais leves e mais curtas. Estariam indo a festas do Reggae ou não, fato é que a presença de festas na noite de São Luís é recorrente nos finais de semana. Era um domingo à noite, mesmo dia de aplicação da prova do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e, também, o Dia Nacional da Consciência Negra. No panfleto de divulgação da festa do reggae agarradinho dizia: “Mulheres entradas gratuitas até às 20h. Meia-entrada para professores, estudantes, idosos, etc. Preço único do ingresso 15,00$”. Seriam quatro DJ’s e haveria um preço especial em combos de cerveja”.

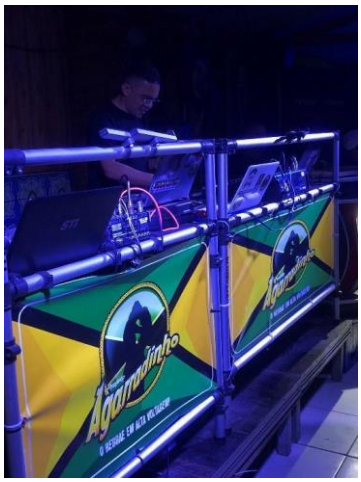
Na chegada até o Restaurante, havia uma bilheteria pequena do lado de fora do restaurante, próximo a porta onde se podia comprar os ingressos, com uma pequena abertura na parte inferior da placa de vidro que dividia o comprador e a atendente. Se compra o bilhete e, em seguida, se dirige até a porta do Restaurante onde havia duas mulheres: uma carimbava os braços das pessoas ao pegar o ingresso de acesso à festa; enquanto a outra liberava o acesso retirando uma corda que ficava atravessada na horizontal entre o público da fila e elas.

O carimbo significava seu “passe livre”, para entrar e sair do ambiente do restaurante era preciso que a pessoa comprove que comprou o ingresso para a festa, a comprovação seria o carimbo. Ainda que o carimbo poderia se desmanchar com bebidas e/ou o suor do próprio corpo, ele permaneceria “invisível”, sendo possível vê-lo somente através de uma lâmpada de “luz negra” que ficava na porta de entrada do restaurante. Após a passagem da portaria, havia um pequeno corredor que levava até o salão de festa. O corredor era dividido entre duas direções: de um lado passariam as mulheres e do outro os homens. O final do corredor contava com mais duas pessoas que fariam uma “revista” nas bolsas das pessoas que entravam, com o auxílio de uma lanterna, a pessoa que entrava abria a bolsa e o vistoriador observava com a lanterna o conteúdo.

Após a passagem da revista se chega até o salão, com bastante luzes nas cores do reggae, decorações de barcos pendurados em cima do bar e num outro espaço próximo ao banheiro e bandeirolas do Brasil penduradas em cordas suspensas alinhadas ao bar. Os barcos remetiam, provavelmente, ao fato de que o restaurante fica próximo às águas do mar e o nome da rua onde está localizado o restaurante é “Avenida Beira Mar”. Não é um lugar considerável “luxuoso”, não tinham mesas e cadeiras espalhadas, o que demonstrava que a festa era para se dançar. Um salão razoavelmente grande, com poucas mesas, mas ninguém sentado. A presença de cadeiras era quase nula, contando apenas duas ou três bem afastadas do salão, próximas ao bar. Cadeiras e

mesas de plástico na cor vermelha. Essas mesas serviam de apoio para as cervejas e copos dos frequentadores.

Há dois bares, um localizado em frente ao salão de festas, onde era mais escuro, contando somente com as luzes mais opacas nas cores do reggae. Outro ficava em frente aos banheiros, na parte mais iluminada ao lado do salão. As bebidas são compradas por meio de "*tickets*", haveria um local próximo a porta de saída, de frente ao segundo bar mais iluminado, e ali se comprava os *tickets* referente ao que se desejava.



No salão de festas, as luzes coloridas ambientavam o salão e causavam mais imersão na temática reggae. De frente ao salão se encontrava um palco pequeno com a aparelhagem do DJ e caixas de som apoiadas em estruturas feitas de caixas de cerveja e/ou outra estrutura metálica. Há a presença de um grande *banner* que ficaria atrás do DJ informando o nome da festa, nas cores do reggae. A estrutura metálica que antecede à aparelhagem do DJ que divide o público do DJ, também contava com um *banner* informando o nome da festa. Este, por sua vez, lembra a bandeira da Jamaica. Nas cores verde, amarelo e preto, somadas a formas geométricas que lembram a bandeira da Jamaica. No meio, uma espécie de *logotipo* em forma de círculo que mostra em silhueta preta um casal (homem e mulher) dançando e, em cima da silhueta o nome da festa: "agarradinho".

Ao lado do palco, o tradicional “paredão” de som. São caixas de som enormes, de um lado e do outro do palco que intensificam o som, provocando maior imersão na festa, somadas as luzes coloridas. Ambas as caixas pintadas nas cores do reggae com luzes das mesmas cores que piscam pareciam estar em uniformidade com a batida do reggae. As músicas tocadas são mixadas, o DJ faz uso dos seus aparelhos de som junto à um computador notebook toca músicas diversas todas em ritmo de reggae que variavam de “animadas” a “românticas”. A diferenciação das músicas se dava tanto no embalo das mixagens, enquanto as românticas tinham um embalo mais lento, as mais animadas contavam com um ritmo mais dinâmico, com mais “batidas”. No decorrer da passagem das músicas, alguns DJ’s falam ao microfone frases como: “só as melhores pedras” e/ou repetia o que se dizia na música. Um convite para dançar e animar o público, torna-se mais presente para além do manuseio da aparelhagem.

A frase dita por alguns DJ’s, “as melhores pedras”, parece um código, algo que todos os presentes e ludovicenses conhecem. Muito repetida não só pelo mesmo DJ, mas outros que revezavam durante o evento. Mais tarde, perguntei a Rayanne (com quem tinha ido à festa e já frequenta festas de reggae) o que seria o termo “pedra” naquele contexto. Ela me explicou que a frase “só as melhores pedras” significava que *só as melhores músicas* estavam tocando, as que *todos conheciam*. Então, “pedra” seria um termo para identificar uma faixa de música – reggae – muito popular entre os ludovicenses.

Além das músicas originalmente em ritmo de reggae, os DJ’s também mixam músicas de outros gêneros adaptados ao ritmo de reggae. Não muitas até onde presenciei durante o evento, nem a elas era atribuída a frase de “melhores pedras”, mas há a presença de músicas de outros ritmos musicais mixadas para o reggae. Ainda mais interessante é que essas músicas de outros gêneros musicais também eram cantadas por cantores de reggae, já adaptadas ao estilo musical do reggae. Com poucas mesas, o espaço do salão é aproveitado. As mesas existentes ficam localizadas encostadas a paredes e/ou pilastras, servindo somente para o apoio de cervejas, bolsas e outros objetos pessoais.

Ninguém fica parado, enquanto uns dançam em pares, outras pessoas dançam sozinhas, mas logo aparece um convite. Aliás, como o som é muito alto e pouco se escuta dentro do ambiente, o

convite normalmente era feito se aproximando dançando perto de uma pessoa que retribui também dançando, assim se juntam e dançam. Outros – convites - são feitos abrindo os braços e apontando a mão (como num pedido) de modo que desse a entender que era um convite a dançar. Todos dançavam o tempo todo, se não a mesma música junto, sozinhos. Mulheres dançavam com outras mulheres, mas não homem com outro homem. Homens dançam sozinhos enquanto tomam cerveja ou com mulheres. O convite para a dança também era feito por mulheres, não só os homens chamam para dançar, mas também há a possibilidade de mulheres fazerem o convite, seja para outras mulheres ou para homens.

A dança do reggae agarradinho é mesmo uma dança de salão. As pessoas bailam umas com as outras aproveitando bastante 'o espaço. Uma dança ritmada que não fica presa ao "dois para lá e dois para cá", os pés se movem para frente e para trás em conjunto com reboladas e outras técnicas que ultrapassaram o limite de três ou quatro quadrados de cerâmica do chão. Intercalando com pequenas pausas durante a dança, os passos acompanham harmoniosamente a batida da música. Orelha com orelha, o rosto colado de um no outro apresentava o simbolismo do "agarradinho", com expressões de contentamento, o corpo todo falava em favor do ato de dançar agarradinho. Os braços das mulheres vão sobre os ombros dos homens, e os braços dos homens sobre a cintura das mulheres. Com os corpos próximos a dança "agarradinho" parece envolver em ritmo ambos de modo a parecer um só corpo que circula o salão. Há também quem dance com uma das mãos segurando a mão do parceiro e a outra em volta do pescoço (para as mulheres) e no caso dos homens, continua uma na cintura. São duas formas de se dançar, mas

ambas possuem o corpo colado um no outro, de mesmo modo os rostos opostos juntando orelha com orelha.

As pessoas que dançam sozinhas repetem praticamente os mesmos passos de quem dança em parceria, com a diferença dos braços que ao invés de se apoiar em uma parceria de dança, acompanham o ritmo em direção aos passos, se movendo de um lado para o outro na altura da cintura ao mesmo tempo em que o corpo se movimenta em reboladas e giros em ritmo mais lento. Quem dança sozinha não faz uso de muito espaço no salão, se restringe a um ou dois quadrados de cerâmica do chão. Algumas pessoas bebem enquanto dançam, outras somente dançam. Algumas pessoas olham o entorno que parece estar emitindo um sinal de espera por um convite, outras parecem não "precisar" de um parceiro. De todo modo, a maioria das pessoas dançam acompanhadas, poucas são as que dançam sozinhas ou permanecem sozinhas.

No espaço com mais iluminação, próximo a saída do restaurante, há a presença de Paula Dutra, uma artesã maranhense que frequenta as festas de reggae e leva seu artesanato para vender nas festas. Os objetos, em sua maioria acessórios, pulseiras, brincos, colares, chaveiros, bolsas e boinas, todas nas cores do reggae. Ela os chama de "acessórios jamaicanos". A festa do "reggae agarradinho", é uma festa que ocorre todos os domingos neste mesmo restaurante, Paula Dutra diz frequentar em todos os domingos para vender seu trabalho. Junto à um cartão de visitas, Paula Dutra esbanja um sorriso e dança enquanto mostra seu trabalho em um canto específico logo perto da saída do restaurante.

Na porta de saída há somente um segurança, que informa que se quiser voltar terá de ser pela porta da frente, apontando o carimbo feito na entrada na luz negra para comprovar a adesão ao ingresso. A porta de saída é mais larga do que a de entrada e não possui corredor ou revistadores. Pode-se sair com garrafa de água e tranquilamente entrar e sair quando quiser. Muitos aproveitam para fumar no espaço de fora e retornar ao ambiente. Já que não é permitido fumar dentro do restaurante, somente na área externa. A área externa é onde fica o estacionamento e conta com a presença de mototaxistas e taxistas. Há decoração de lâmpadas coloridas (nas cores do reggae) em varais ao longo de toda área externa e um barco em exposição maior, quase em tamanho real na frente do restaurante protegido por uma grade baixa de ferro. Em frente, no passeio na saída da área externa, há uma parada de ônibus que leva sentido bairros de São Luís.

Até às 22 horas da noite poucas pessoas se despediram da festa que aconteceria até às 01 hora da madrugada. As pessoas que saiam da festa e se direcionavam até a parada de ônibus pareciam ter suas energias renovadas, só reclamavam de motoristas que não paravam o ônibus mesmo após o sinal, porém, seguido de um sorriso. Nada parece incomodar com profundidade após uma experiência de dança no reggae agarradinho. Apesar dos ônibus estarem quase vazios nesse horário, as pessoas recém-saídas das festas pareciam não ter medo dos perigos noturnos, como assaltos e outros infortúnios.

Considerações finais

Por conta do horário e da escassez de transporte público, eu optei por ficar somente duas horas no local. Não fiz entrevistas para entender perfeitamente sobre o entorno, exceto a minha

conversa com Rayanne, quem me ajudou nessa tarefa e a Paula Dutra, que tive o mínimo de conversa, na qual perguntei sobre a frequência com que ela vai a festas de reggae, em especial a do "Projeto Agarradinho" que acontece todos os domingos e se era ela quem fazia os objetos que ela estava expondo. A experiência no reggae de São Luís me trouxe um novo panorama sobre o quão importante e popular é o reggae para a cultura do Maranhão, e me mostrou o quanto é popular dos mais novos aos mais velhos. Durante a festa não vi presenças de pessoas abaixo dos 18 anos, em geral as pessoas aparentavam ter entre 26 a 50 anos. Não fiz esse levantamento de idade entre as pessoas.

O caminho até o restaurante me atentou mais sobre os aspectos do reggae presente na cidade que passavam um tanto despercebidos no dia a dia durante o trajeto de ônibus. Em algumas casas era possível ouvir tocar reggae, de bandas internacionais e nacionais, com predominância das estrangeiras. Nas minhas conversas com maranhenses, colegas de curso, é nítido que mesmo que a pessoa não tenha o ritmo como predileto, todos sabem o que significam seus respectivos símbolos e usam os acessórios associados ao reggae. Bem como, sabem da programação de festas de reggae que é amplamente divulgado tanto em perfis em rede sociais de *influencers* maranhenses, quanto da própria página da prefeitura (em específico, a página da secretária de cultura no Instagram).

O olhar de fora, de quem não experimenta as festas de reggae e nem esteve ou está em São Luís, é de que as festas de reggae acontecem em datas comemorativas e/ou em casos especiais, mas que a presença do reggae era constante como um gênero musical escolhido e querido pela maioria dos ludovicenses. O que constatei é que não só é o ritmo musical de predileção, como as festas ocorrem frequentemente, como no caso do "Projeto Agarradinho" que acontece todos os domingos nesse mesmo restaurante. Em conversa com Rayanne, ela me informou que em São Luís, há festas que acontecem como "Aniversário de fulano" em temática de reggae. Ou seja, qualquer aniversário ou comemoração, de grande a pequeno porte é motivo para se fazer uma festa de reggae.

JANELA DO TEMPO

RELATO DE CAMPO DO FESTIVAL DO COCO D'ÁGUA DE PAÇO DO LUMIAR

Jhonny Herickson Pereira Santos[12]

Nesta pesquisa, o estudo central é baseado em um festival que acontecia no bairro de Iguaíba, Município de Paço do Lumiar - MA, a saber, Festival do Coco D'água. As observações detalhadas se iniciaram às dezesseis horas, do dia vinte e cinco de junho de 2022, com a minha visita à casa de um dos ex-presidentes da Associação Cultural de Amigos do Festival do Coco D'água de Iguaíba, responsável pela organização do festejo, o senhor Clodoaldo Nikson Nunes, que reside na própria comunidade de Iguaíba, sendo este um bairro pertencente ao município de Paço do Lumiar - MA. O percurso da minha residência até a residência do Senhor Clodoaldo durou cerca de quarenta minutos, sendo está uma tarde de sábado, onde o mesmo me recebeu com tamanha educação e prontamente se disponibilizou a colaborar com a presente pesquisa.

De acordo com a visita, foi possível observar alguns documentos, os quais foram devidamente guardados por este organizador, como forma de manter os registros daquela festa cultural. Os documentos revelam toda a história do festival, desde a sua criação bem como novos incrementos para a expansão da festa, que ganhou proporção não apenas local, mas também das comunidades vizinhas. Dentre os documentos apresentados, existiam atas, portfólio, fotografias, material em CD, DVD, havia também outros registros como prestações de contas e ata de fundação. É certo que não foi possível analisar todas as documentações por ele apresentadas, mas tive a oportunidade de analisar aquelas principais que relatam a história detalhada do Festival do Coco D'agua.

Observa-se a princípio, que o nome do festival não está associado a região de alta produção de coco anão, mas se deu pela tradição dos moradores em manter plantio de coqueiros gigantes, também conhecido como coqueiro de praia, no quintal de suas casas.

[12] Estudante de Ciências Sociais da UFMA.

A festa se iniciou no ano de 1980, foi fundada por Astério Marinho Pereira, conhecido por Antero Abrão, um morador da comunidade de Iguaíba, que foi uma liderança popular e que também tinha um cargo público de vereador do Município de Paço do Lumiar.

Barracas de palha com cachos de coco pendurado
Fonte: Clodoaldo Nunes

De acordo com os arquivos, o senhor Astério, ao observar outros festivais existentes na comunidade, como o próprio Bumba meu boi de Iguaíba, além de outros festivais de comunidades vizinhas, se sentiu motivado a criar um festival típico da região de Iguaíba. O senhor Astério, então convidou alguns outros homens populares da região, sendo eles: Alfredo Silva, José Pereira, Antônio Nena. Nomes, devidamente citados em ata de fundação. Esses homens se reuniram e criaram o Festival do Coco D'água, a ideia principal desse festival era expandir e dar visibilidade ao maior produto da região, que era o coco d'água, o qual a maioria dos moradores mantinham o seu pequeno cultivo no quintal de suas casas.

Analisando ainda o contexto histórico do festejo, percebe-se que a partir da criação, aquele festival foi ganhando características interioranas, não apenas como evento de festa temporária, mas um evento permanente, a fim de representar aquela comunidade. No início do seu surgimento não havia a participação de cantores, mas apenas de radiolas, como eram chamados na época, uma vez que as músicas tocadas eram gravadas em discos. E para popularizar ainda mais a festa, foram inseridos outros incrementos, sendo realizados a partir de então eventos esportivos, torneio de baralho, dominó, damas, brincadeira do pau-de-sebo e a tradicional

maratona em volta da comunidade, que acontecia nas ruas do Itatuaba e Anajá, e se encerrava na praça principal de Iguaíba.

XVIII Festival do Coco D'Água de Iguaiba
Fonte: Clodoaldo Nunes

Havia ainda apresentações culturais como Tambor de Crioula, Bumba meu boi, Cacuriá, que complementariam a festa, e a partir de então fundamentou-se o evento conhecido como Festival do Coco D'agua. Esse festejo tinha a duração de uma semana e acontecia normalmente no mês de novembro. Seu encerramento era marcado pelo tão aguardado desfile da garota coco d'água, que era um concurso para escolher a jovem mais bonita da comunidade, que sairia com o título de rainha.

A primeira garota eleita como rainha do festival foi a jovem Filomena Pereira Alves, que recebeu a coroação do então prefeito da época. No ano seguinte, a eleita deveria repassar a coroa à nova ganhadora do concurso. Ainda de acordo com os demais arquivos, se tratava de um evento de acesso livre para o público, sendo este mantido por patrocinadores como Prefeitura, Governo do Estado e Empresas Privadas.

Em se tratando dos arquivos fotográficos, foi possível observar que o festejo era realizado na praça principal de Iguaíba. Ao redor da praça eram colocadas pequenas barracas de palha e a principal decoração destas eram os cachos de coco. As barracas eram construídas pelos próprios

moradores, que faziam uso para venda de comidas, e para venda do próprio coco gelado. Essas vendas serviam como complemento para renda destes moradores. Pelos arquivos, foi possível identificar que esse festejo perdurou por longos anos na comunidade de Iguaíba, havendo também períodos em que este mesmo evento não foi promovido.

Desfile da garota coco d'água
Fonte: Clodoaldo Nunes

Ao questionar o motivo das interrupções, obtive as informações do próprio Senhor Clodoaldo, que as principais causas foram as constantes desconfianças da própria comunidade da época. Os moradores acreditavam que as verbas que vinham para promover o evento eram desviadas, porém o próprio senhor Clodoaldo informou que estas desconfianças eram infundadas, e que só veio desgastando a realização do evento, ao passo que foi se desfalecendo. No ano de 2004 a Associação Cultural de Amigos do Festival do Coco D'água de Iguaíba, buscou resgatar novamente a festa cultural da comunidade, e novos integrantes passaram a compor esta associação.

A festa voltou a acontecer, tendo as mesmas atrações de antes, bem como a implantação de novas atividades como a corrida de pote de barro na cabeça e o desfile dos transformistas, que eram realizados por pessoas da comunidade LGBTQIA+.

Desfile de travestis
Fonte: Clodoaldo Nunes

O festejo voltou a ter bastante repercussão, atraindo novamente a atenção da comunidade e também de outros visitantes, porém nos anos seguintes o festival deixou de acontecer devido as várias adversidades, e seu último evento foi realizado em 2016, não sendo mais promovido nos anos posteriores. O senhor Clodoaldo, bem como os amantes do festival esperam que o evento tenha novamente sua ascensão, de forma a promover a cultura da comunidade, bem como proporcionar o reconhecimento daquela região, buscando manter sua identidade preservada através de suas culturas e festas interioranas.

Evento esportivo corrida de bicicleta
Fonte: Clodoaldo Nune

Brincadeira do pau-de-sebo
Fonte: Clodoaldo Nunes

REFERÊNCIAS

Entrevista com o Ex-presidente da Associação Cultural de Amigos do Festival do Coco D'água de Iguaíba senhor Clodoaldo Nikson Nunes em 25 de junho de 2022.

RESUMOS E RESENHAS

Livros, Teses e Dissertações

Livros

Título: Política e cultura nas histórias do bumba meu boi no Maranhão - Carolina Martins

Editora Cancioneiro/2021

Neste livro, através das trajetórias de mestres e brincantes do Boi de Pindaré, a autora reflete sobre a complexidade que envolve o universo dos bois do Maranhão e a formação do sotaque da baixada na capital do estado. É resultado de pesquisa realizada entre os anos de 2013-2015 e conta com entrevistas de mestres e brincantes de grupos de Bumba meu boi de sotaque da baixada que se localizam em São Luís, capital do Maranhão.

Trabalhos de conclusão de cursos, teses, dissertações, eventos, etc.

Trabalho de Conclusão de Curso - TCCs

Título: Notas etnográficas sobre passarinheiros: masculinidade heteronormativa e sociabilidades entre homens e pássaros (Raul Brunno Pereira Sousa[13])

Resumo: O presente trabalho etnográfico descreve as práticas de criadores de passarinhos em São Luís/MA e as redes de relações construídas a partir daí. Tem como objetivo identificar e descrever normas e significados sobre as representações de masculinidade transmitidas através desse fenômeno social, que pode ser considerado um fato social total, tal como define Marcel Mauss. Para isso, foram realizados trabalhos de campo e observação participante em atividades como torneios, encontros e outras atividades eminentemente composta por homens e seus pássaros na grande ilha, que compreende os municípios de São Luís, São José de Ribamar, Paço do Lumiar e Raposa. As análises desenvolvidas ao longo do trabalho procuram evidenciar como as relações e representações de gênero baseadas na heteronormatividade organizam e estruturam as relações desses homens entre si e também com seus passarinhos.

[13] Cientista Social, e-mail: raulzitosousa@gmail.com.

Palavras-chave: Passarinheiros, Relações de gênero, Performance, Masculinidade.

Título: Afetos e processos de subjetivação de mulheres, homens trans e travestis: reflexões e (re)conhecimentos de uma pesquisadora em construção (Nathanna Cristina Pereira Silva[14])

Resumo: O presente trabalho parte da análise exploratória do material coletado e sistematizado na *Pesquisa Multicêntrica sobre os perfis socioeconômicos, geográficos, culturais e de vulnerabilidades de travestis e transexuais,* realizada em todos os Estados brasileiros simultaneamente, e quando realizada em São Luís, foi através do grupo de pesquisa em Religião e Cultura Popular – GP Mina. O objetivo da pesquisa multicêntrica, foi coletar e sistematizar por meio de um censo nacional, a situação atual de travestis e transexuais no Brasil, para obter conhecimento dos perfis socioeconômicos, culturais, geográficos e suas maiores vulnerabilidades. A partir da análise deste material, o trabalho visa compreender aspectos dos processos de subjetivação e organização dos afetos dessa parte da comunidade LGBTQI+, com um recorte teórico metodológico que articula fenômeno social e processos de subjetivação. Baseado na análise das entrevistas, e dentre as trinta que foram sistematizadas e transcritas, foram selecionadas dez para trabalhar na pesquisa. Para assim, refletir nesses processos de subjetivação e sentimentos que os constituem, através de suas redes de apoio, ou ausência dessas redes. Para tal propósito, operei principalmente com Michel Foucault, Judith Butlher e Paul Preciado, considerados autores clássicos e importantes para a construção de um movimento político de sexualidades dissidentes nas sociedades modernas. Diante disso, foi verificado os fenômenos estruturais, sociais e emocionais nesses processos de subjetivação de mulheres trans, travestis e homens trans.

Palavras-chave: Afetos, Transsexuais, LGBTQI+, Pesquisadora.

[14] Cientista Social. E-mail: nathanna46@gmail.com

Título: A atuação da *fake news do kit gay* como dispositivo da sexualidade – produção de discursos e disputas pela hegemonia (Valéria Cristina Lopes dos Santos Souza[15])

RESUMO: Neste trabalho buscamos compreender o fenômeno da *fake news do Kit Gay* situando-o no contexto sociopolítico e cultural atual da sociedade brasileira, que intervém no processo de educação através de instituições sociais como a Família e a Escola. Tomamos como ponto de partida o diálogo empírico com as formas discursivas presentes nas falas dos agentes e instituições sociais. Para tanto, refletir as expressões e funcionamentos do dispositivo da sexualidade a partir da *fake news do Kit Gay* é se debruçar sobre ações políticas cotidianas. A *fake news do kit Gay* se insere e se interliga numa rede de relações entre Estado-nação e suas articulações com família-deus-pátria e, pelas trocas virtuais funciona como o dispositivo da sexualidade, que promove domesticação dos corpos por meio de tecnologias e transforma um saber sobre a sexualidade em poder exercido sobre essa mesma sexualidade. Esta discursividade promove saberes e poderes por meio do discurso normativo e hegemônico que atravessa instituições sociais como Família, Escola e Religião.

Palavras chaves: *fake news do Kit Gay*, dispositivo, hegemonia.

NOTÍCIAS

- A CMF está retomando suas atividades após a pandemia e continua com a parceria com a Casa de Nhozinho e o GP Mina/UFMA.

- Interessados em enviar artigo para publicar no Boletim Número 71, enviar para:

E-mail: gpmina.desoc@ufma.br

[15] Cientista social. Email: valsancriss@gmail

PERFIL DE CULTURA POPULAR

Mestre Sabujá – uma vida dedicada às manifestações da cultura popular do Estado do Maranhão

João Victor Campelo[16]

Foto: Marilande M. Abreu

Do seu nascimento no bairro da Madre Deus no ano de 1937 até o dia de sua morte em 26 de março de 2021, José Santos conhecido no campo da cultura popular como Mestre Sabujá, teve uma vida dedicada à cultura maranhense. Ele foi iniciado desde muito jovem nas festas populares por sua mãe, Maria Celeste, filha-de-santo do Terreiro do Justino, fundado por Maria Cristina em 1976, que era filha de santo da casa de Nagô. Sabujá demonstrou, durante toda a vida, um grande orgulho em organizar e fazer parte da tão diversificada cultura popular maranhense. Ainda criança começou a frequentar o terreiro do Justino com sua mãe que era a responsável pela Festa de Santa Bárbara, foi assim que ainda criança começou a tocar tambor nos dias de festas no terreiro.

[16] Estudante de Ciências Sociais-UFMA, bolsista de iniciação científica FAPEMA. Realiza estudo etnográfico sobre a história de vida de mestre Sabujá e outros tocadores do Terreiro do Justino.

Em 1948, Sabujá vendedor de pescado, profissão herdada de seu pai, entrou na escola de samba Turma do Quinto, do bairro da Madre Deus, onde ficou até 1950. Em 1950, teve tétano e, para curar-se, contou com a ajuda de integrantes do bloco de carnaval *Fuzileiros da Fuzarca. C*omo forma de agradecimento, Sabujá entrou no bloco, e fez parte dele até o início da década de 1960. Em 1963, junto com outros colegas, recebeu a missão de reativar o Bumba meu Boi da Madre Deus, no qual permaneceu até 1968. Foi um dos fundadores do bairro do Anjo da Guarda, e foi um dos inúmeros cidadãos da comunidade do Goiabal que tiveram suas casas removidas pelo governo em decorrência do fatídico incêndio de 1958.

Participou da primeira encenação da peça Paixão de Cristo, no bairro do Anjo da Guarda, na qual foi um guarda pretoriano, sendo bastante elogiado pelos espectadores e por jornalistas que acompanhavam a encenação. Em 1981, seu filho Pedro Batista Pereira Santos, conhecido como Pedão e pessoas próximas a ele, conversaram com Sabujá, e criaram juntos a brincadeira/festejo Coco Pirinã que estava parada. Seu Sabujá conversou então com o morador do bairro da Madre Deus e líder comunitário conhecido como Dico Barata, que o informou que o grupo não era dele, mas sim de sua mulher ao qual o nome não foi encontrado durante a pesquisa, que concede a autorização para que a brincadeira continue, agora sob o comando de Mestre Sabujá. Assim o grupo de dança do Coco Pirinã recomeça suas atividades, tendo como madrinha Roseana Sarney, que ajudou financeiramente o grupo, tanto na compra dos instrumentos quanto na construção da sede, situada no bairro do Anjo da Guarda. Por muitos e muitos anos, Sabujá levou a brincadeira do Coco Pirinã para as festas e festejos de São Luís e outras cidades do Estado do Maranhão.

Sua mãe morreu em 1991, e a partir daí Mestre Sabujá passou a organizar a festa que ela organizou a vida toda, tanto no terreiro do Justino como em sua casa. E, assim, mestre Sabujá tornou-se o responsável por essa festa, na qual realiza algumas mudanças como a retirada do *Furá*, mingau ofertado durante a festa, retira o que ele define como pajelança, e adiciona uma procissão, que não acontecia na época de sua mãe.

Mestre Sabujá morreu aos 84 anos no dia 26 de março de 2021, vítima de complicações em decorrência de um câncer de próstata, deixando um legado para sua família e para a cultura maranhense. Antes de tudo, Mestre Sabujá, mais que um entusiasta das manifestações da cultura

popular maranhense, foi um fomentador dessas manifestações. Deixou 12 filhos, 45 netos, 55 bisnetos e 03 tataranetos, família que continuam o legado que Mestre Sabujá deixou para a cultura popular maranhense.

Foto:João Victor Pinheiro Campelo

Sede do Coco Pirinã
Foto:João Victor Pinheiro Campelo